

— R S — R S

RA — RA S

— UR AS

— RA S R —

— UR AS

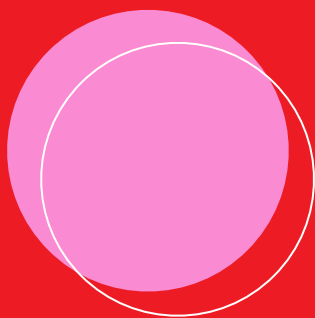
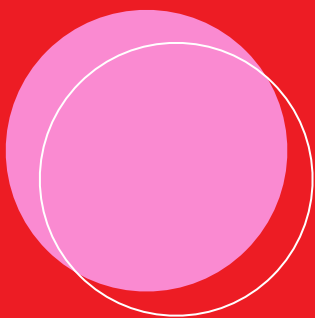
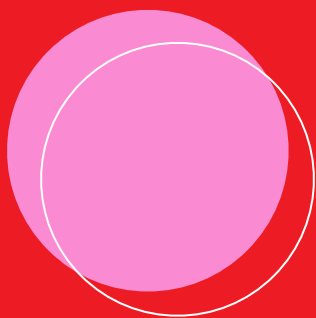
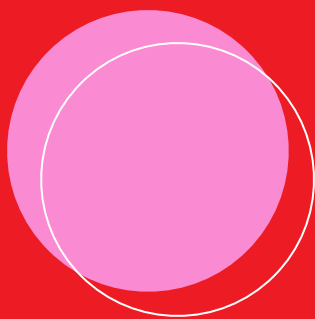
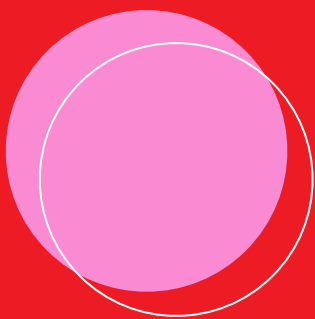
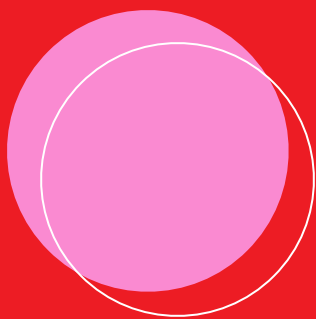
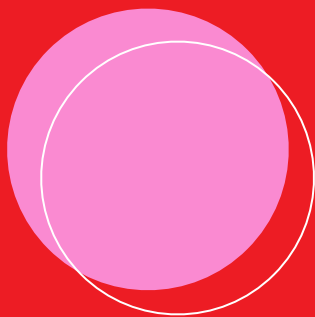
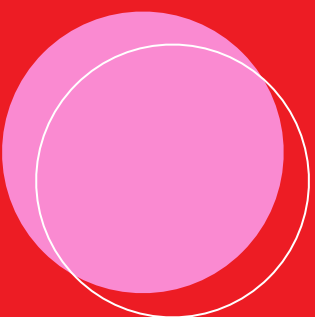
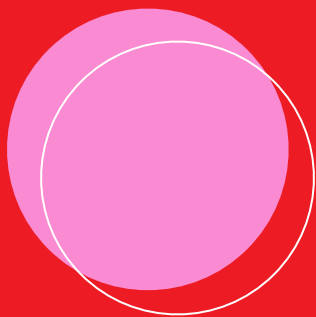
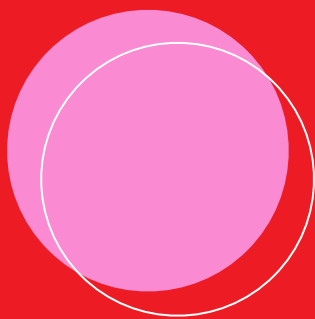
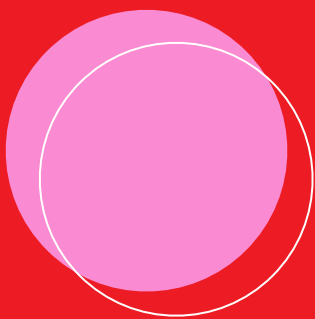
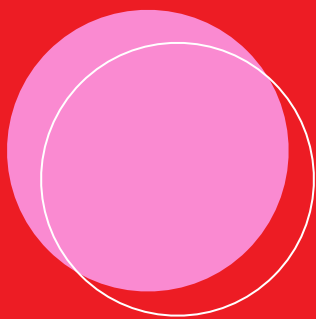
— A — AS

RA SU —

— RA SU — AS

— ASU A

I
RA SU AS
2020



CONCURSO RAS URAS

Organização: Cristiano Baldi

2020

—SUMÁRIO

Introdução	11
-------------------	-----------

Conto	13
--------------	-----------

Alessandra Wink Guaragna	15
--------------------------	----

Alexandre Wahl Hennigen	21
-------------------------	----

Alice Adams Bohrer	27
--------------------	----

Ana Helena Gariani Franco	35
---------------------------	----

Bárbara Abelin Ribeiro	39
------------------------	----

Gabriel Matte de Moura	41
------------------------	----

Lara de Paula Santos	47
----------------------	----

Luiza Prates da Cunha Dal Santo	53
---------------------------------	----

Marina Luz Figueiredo	57
-----------------------	----

Matheus Medeiros Pachec	63
-------------------------	----

Rodrigo Martins Bittencourt	67
-----------------------------	----

Crônica	71
----------------	-----------

Felipe da Silva Zanini	73
------------------------	----

Gabriela Cerqueira da Silva	77
-----------------------------	----

Gabriela de Freitas Schneider	79
-------------------------------	----

Luiza Araújo Teixeira	83
-----------------------	----

Marina Soares Nogara	87
----------------------	----

Poesia	91
Alice Adams Bohrer	93
Bibiana Raquel Vallejo Arroyo	97
Camila Veiga da Silva	99
Eleonora Coragem	101
Felipe Durli	103
Marcelo Augusto Coelho Carvalho	105
Márcio Palheta de Araújo Góes	107
Marina Soares Nogara	109
Matheus Lemes Ferronato	111
Nádia Prestes Baptista	113
Raul Dullius	115
Tiago Rodrigo Padilha	117
Felipe Durli	119
Texto Dramático/Roteiro	121
Ana Carolina Peres Bogo	123
Gustavo Leandro Silveira de Oliveira	127
Lucas Gonzaga Vieira Adolfo	139
Marina Soares Nogara	145
Agradecimentos	150

—VENCEDORES

Conto

1º lugar – Matheus Medeiros Pacheco

2º lugar – Alice Adams Bohrer

3º lugar – Lara de Paula Santos

Crônica

1º lugar – Marina Soares Nogara

2º lugar – Gabriela Cerqueira da Silva

3º lugar – Luiza Araújo Teixeira

Poesia

1º lugar – Alice Adams Bohrer

2º lugar – Bibiana Raquel Vallejo Arroyo

3º lugar – Raul Dullius

Texto Dramático/Roteiro

1º lugar – Marina Soares Nogara

2º lugar – Gustavo Leandro Silveira de Oliveira

3º lugar – Lucas Gonzaga Vieira Adolfo

—JURADOS

Alexandra Lopes da Cunha

Débora Ferraz

Fred Linardi

—INTRODUÇÃO

Uma ideia é pouca coisa enquanto for apenas uma ideia. Ou, dito de outra forma, talvez seja a própria materialidade que produza a ideia, e não o contrário. Nesses termos, não seria um sofisma dizer que o Concurso Rasuras nunca chegou a ser uma ideia. Ele já nasceu na execução, em pleno debate, movido pelo ímpeto apaixonado dos estudantes de graduação em Escrita Criativa da PUCRS. Isso não significa que ele seja um projeto de ninguém – pelo contrário, é um projeto de todo mundo, nômade. Não tem um pai e uma mãe biológicos, mas muitos pais e mães adotivos – aos quais vão se adicionando outros, à medida que o tempo passa e as turmas se sucedem. Organizada no âmbito da disciplina de Empreendedorismo Criativo, cada edição do concurso recebe novas contribuições, concebidas e consumadas em um processo grupal que é, a um só tempo, fértil e caótico.

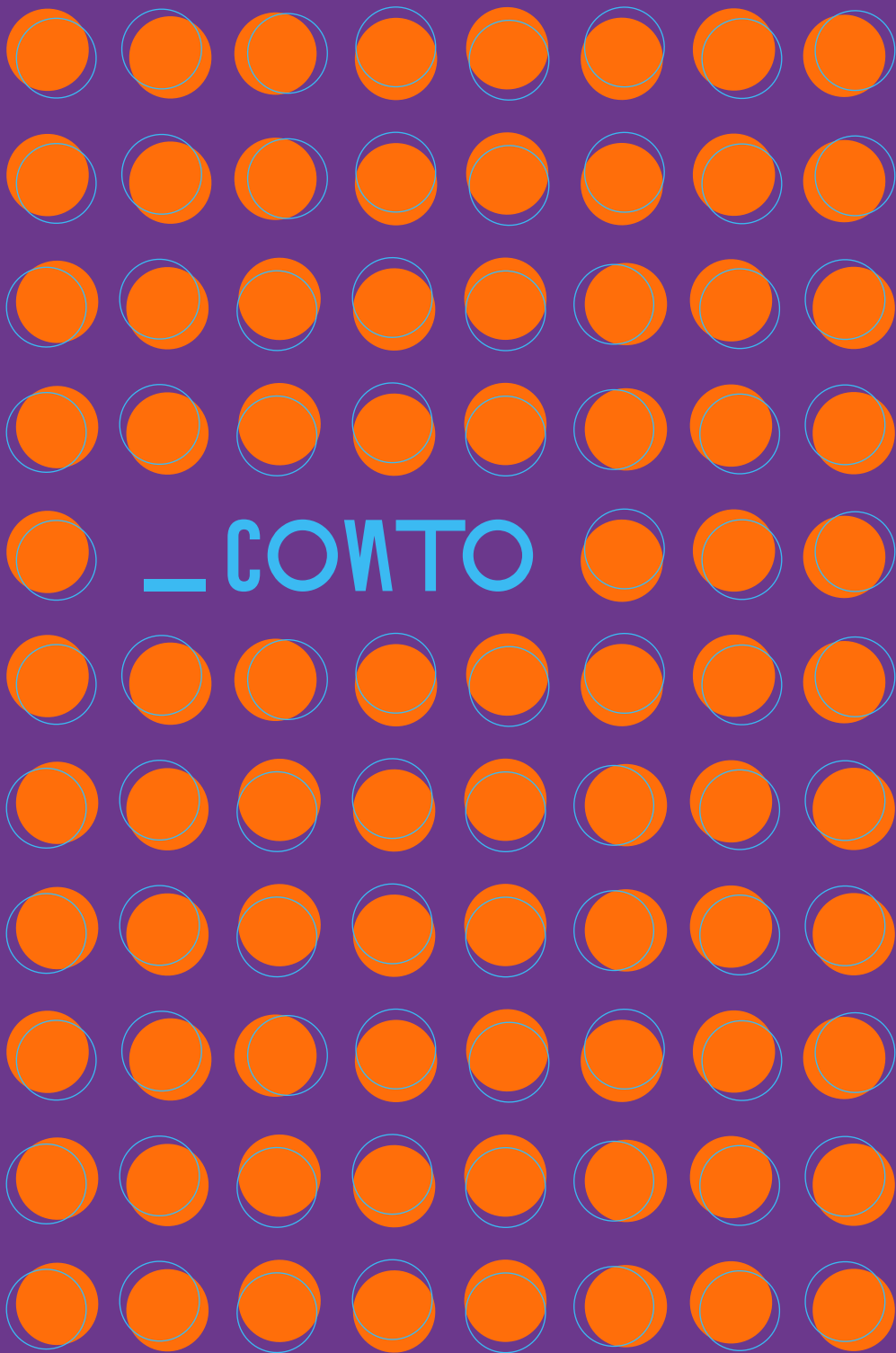
Não é preciso tratar de todas as peculiaridades que cercam esta edição do Rasuras, mas algo que talvez precise ser mencionado é que, desta vez, o concurso foi organizado em meio à realidade de distanciamento social imposta pela pandemia da COVID-19. No dia em que reviso este texto, inclusive, a cidade de Porto Alegre endurece mais uma vez as medidas de distanciamento social – mais um de uma série de movimentos com que tateamos em meio à inapreensão da realidade. Talvez não nos recordemos disso no futuro – de como estávamos exaustos e desorientados em junho de 2020 –, então aqui vai um lembrete: sim, estávamos. A situação toda teve efeitos na forma como o concurso foi organizado: nas conversas com o júri, com

os inscritos, com os finalistas e vencedores; na divulgação das atividades e até na cerimônia de premiação, que precisou ser remota, em uma *live* – este formato subitamente democratizado pela pandemia.

É de se imaginar que as circunstâncias repercutam também na produção literária. Em que medida os textos finalistas e vencedores, aqui reunidos, ressoam essas contingências é difícil dizer – e, afinal de contas, possivelmente essa seja apenas uma falsa questão. A criação é refém do presente, assim como a leitura é também uma serva de seu tempo, e nada pode ser feito a esse respeito – olhar para estes textos será, para sempre, olhar para a pandemia.

Neste momento em que muitos de nós estão resguardados, sem aulas presenciais na universidade, com o diálogo e a troca de ideias restritos à mediação eletrônica, mais do que nunca, as ideias em si têm pouco valor. Elas estão reclusas, trancadas na obscuridade de nossas casas e apartamentos – o que nos leva a considerar que poucas vezes a execução foi tão necessária. Aqui está uma brisa que pode arejar o sufocamento daqueles e daquelas que organizaram esta edição do concurso: o Rasuras não é uma ideia, é um organismo vivo, que se mantém respirando graças à ação real de alunos - sua matéria essencial. Se tem uma regra a se tirar da experiência é que não se pode deixar de fazer.

Cristiano Baldi
Escritor e professor



DE PROFUNDIS

Alessandra Wink Guaragna

Londres, abril de 1904.

Entre os pertences que Frederick havia herdado do seu avô paterno havia uma escrivaninha. Era uma dessas de modelo antigo, de madeira nobre de origem asiática, com uma coloração marrom brilhante, daquele estilo que possui um gaveteiro acoplado nas laterais e sob a mesa, repleto de pequenos orifícios, alguns que poderiam ser trancados a chave, com diversas pequenas ranhuras na mesa. Era uma peça que exalava história e tradição.

E esta, assim como na última vez usada pelo dono, se encontrava abarrotada de quinquilharias exóticas, papéis avulsos e cadernos usados. Sempre havia um imprevisto impedindo Frederick de organizar toda a tralha que lhe foi designada pelo Vovô August, um homem que era de poucas palavras, sempre olhar distante, um ex-capitão da marinha mercante do Império Britânico.

Quando enfim caiu uma chuva torrencial, dessas que duram dias e que transformam a paisagem urbana em pequenos aglomerados de ilhas, Frederick resolveu, então, conhecer seu legado material. Começou pelos quadros, em sua grande maioria de temática marítima, selecionando os que lhe apeteciam e os que poderiam ser descartados ou doados, passando pelos livros dos mais diversos gêneros e línguas que, após uma boa limpeza, se juntariam a seu acervo pessoal, para, então, por último, se dedicar à escrivaninha.

Entre o arquipélago de papéis, materiais de escritório, mapas, lápis já muito manuseados, tinteiros já ressecados,

Frederick encontrou, numa das gavetas, sob um fundo falso, um caderno em couro surrado, do tamanho daqueles livros pequenos que cabem no bolso do paletó. Pegou-o com a expectativa de ter achado um tesouro.

Ao abri-lo, foi tomado por um aroma marinho. Era como estivesse entrando a bordo de um navio à medida que desembrulhava o objeto. Na primeira página dizia: “Diário de bordo de August Rivers, anno domini 1854”.

Folheou algumas páginas lendo algumas das anotações do seu avô. Eram registros esporádicos, breves, em grande maioria de caráter mercantil, cartográfico ou meteorológico. Nada muito fascinante para alguém não habituado com a vida no mar. Estava já na metade final do diário quando se deparou com um novo tom nas narrativas. Agora sentado, Frederick atentou novamente à leitura.

Manhã do dia 15 de maio, na proa do HS Invictus

Finalmente estamos chegando ao porto de Southampton, em Londres. Depois de uma longa viagem desde as colônias orientais finalmente poderei descansar um pouco em terra firme, rever familiares e amigos. Foi uma jornada cansativa e, se tudo der certo, após os breves trâmites de chegada à tarde, à noite já poderei desfrutar do aconchego de casa.

Noite daquele mesmo dia

O comissário de controle do porto entrou com uma pequena comitiva para averiguar o navio. Todos portavam lenços sob o rosto e ares preocupados. Ao que tudo indica a cidade está passando por mais um surto de cólera, um dos mais intensos até então

visto. Por questão de segurança teremos que ficar aportados em quarentena até eles terem certeza que não estamos trazendo a fatal doença em nossos porões. Uma tática de segurança que não agradou a maioria dos marinheiros, já sedentos por cerveja e companhia feminina. De minha parte, também estou um pouco contrariado, porém sou um homem estudado e sei a importância de atitudes e cuidados como esse. O aconchego do lar terá que ser postergado.

O grande surto de cólera da cidade. Frederick sabia, é claro, da devastação que havia sido evento. Até hoje as pessoas mais velhas relembram com grande temor esse momento e, sempre que se espream novas epidemias, os jornais recordam os pormenores. Jamais havia pensado, no entanto, que o avô teria sido um espectador do momento. A história, percebia Frederick, era mais que frases em ordem cronológica num livro, era vidas vividas. Voltou-se para o caderno ainda refletindo. Algumas entradas à frente, no diário dizia:

Noite dia 22 de maio, HS Invictus

Uma semana de quarentena e já é possível ver os efeitos sobre a tripulação. A moral está muito baixa, comentários negativos e depreciativos à situação e à conduta do capitão são ouvidos entre cochichos nos mais diversos cantos do navio. A comida começou a ser racionalizada e parte da nossa carga está começando a sofrer com a umidade dos porões. Os prejuízos serão enormes com toda certeza.

A cada página, Frederick se sentia mais afundado na

leitura. Seu avô, aquele indivíduo taciturno, distante, aparecia, ali, eloquente. Entre as entradas do diário lidas, com muitos os detalhes apresentados, Frederick sentia que vivia o desgosto da quarentena novamente com August. E pensar que ele havia vivido tudo aquilo e guardado silêncio por tantos anos. Um capitão em seu navio de memórias.

Final de tarde de 29 de maio, HS Invictus

Todo dia que faz tempo bom, busco me escorar na proa para pegar a luz do sol. Às vezes são poucos minutos de calma, mas são como um bálsamo em meio a esse caos. Hoje foram minutos sombrios. Presenciei diversas carroças passando na orla do rio, todas munidas com uma grande quantidade de sacos brancos, em diversos tamanhos. Custei a acreditar no que via, mas não era miragem, eram corpos. Seguiam em direção ao sul. A cidade expurgando as vítimas da cólera.

Enquanto lia os relatos diários, o jovem sentia-se como um arqueólogo. Estava escavando aos poucos, a partir de reminiscências deixadas nas páginas rascunhadas e nos objetos legados a ele, o passado. Como peças de um quebra-cabeça nem sempre fáceis de serem encaixadas, Frederick desvendava o avô.

Manhã de 05 de junho, HS Invictus

Descobrimos que alguns dos marinheiros fugiram da quarentena; outros, mais receosos da punição, deram uma escapada para beber nos pubs da região e voltaram, sorrateiramente, na calada da noite. Sabe-

mos disso porque suas andanças trouxeram outro tripulante a bordo: a cólera, que já deu suas boas-vindas aos primeiros doentes.

Frederick precisou parar momentaneamente a leitura para atizar o fogo da lareira que, sem que ele percebesse, havia se extinguido. Começou a sentir os primeiros sinais de fome e percebeu que era tarde, mas estava ancorado na narrativa e só restava deixar fluindo a leitura.

Manhã do dia 08 de junho, HS Invictus

Fui acordado pelos violentos barulhos vindos do deck. Ainda atordoado com o sono e sonhos noturnos, me dirigi ao local a tempo de presenciar a mais horrível das cenas: homens, marinheiros, brigando entre si violentamente. O motivo só fiquei sabendo depois que a cena teve seu trágico término e seu vencedor, o prêmio: um pedaço de pão velho. Descemos tanto assim nossa humanidade ao longo desses dias, semanas? É isto, então, o homem, o verdadeiro homem? Mais um mero animal em busca da sobrevivência? Aquele feito à imagem e semelhança de Deus mais uma vez se prova indigno do Paraíso... Olho-me no pequeno espelho, de barba já alta e cabelo desorganizado, e começo a ter dificuldades em me diferenciar dos demais.

Frederick estava afogado nas palavras de seu avô. Buscava cada entrada do diário como um marujo em busca de sinais de terra firme. Estava febril, numa espécie de um delírio que só teria fim quando terminasse a jornada prevista naquelas folhas amareladas.

Noite de 16 de junho, HS Invictus

Parte da carga da embarcação que estava podre teve que ser lançada ao mar, a outra, menor, foi realocada para as cabines superiores para dar lugar às novas cargas desse cemitério flutuante. São tão poucos agora, os remanescentes, que a comida que era escassa é suficiente até o fim dessa procissão trágica em que nos encontramos. Já não há mais diferenciações:, sou tão marinheiro quanto eles são intendentes, capitães. O que é a sociedade em momentos como esse? A civilização humana é uma prerrogativa dos tempos prósperos somente. Já não sei quem eu sou, o homem instruído de tempos áureos ou essa sombra de ser que tem sobrevivido.

Não havia mais nada a ser dito ali, mas o choque das palavras de August ainda ecoava na mente de seu neto. Frederick virou e revirou a página seguinte a essa entrada, e as outras que restavam no caderno, mas estavam todas em branco. Fechando o valioso artefato, teve uma visão do avô novamente, de seu olhar sempre perdido, e pensou nas verdadeiras águas profundas que aqueles olhos azuis haviam contemplado.

SOBRE DENTES-DE-LEÃO E BICOS DE PATOS

Alexandre Wahl Hennigen

“Fique atento aos detalhes”, dizia meu pai durante nossas caminhadas. “A imensidão do mundo pode se revelar de uma hora para a outra quando você sabe em que direção olhar”. Essas palavras não desapareceram da minha memória apesar da distância dos anos que me separam delas.

Poucas pessoas habitavam aquelas cercanias da igreja. Vivíamos sozinhos numa casa de dois cômodos e um banheiro, modesta e limpa. Móveis de madeira ocupavam o combinado de sala e cozinha onde eu dormia. Nenhum quadro enfeitava as paredes, apenas um crucifixo com nosso Senhor pendurado em perturbadora expressão de agonia. Os raios de sol despontavam e, como não havia cortinas, eu despertava.

Meu pai era o próximo. Vinha fazer o café. Ainda no leito improvisado com cobertores sobre o sofá, eu ouvia deitado o barulho da água fervendo na panela e sentia o odor do pó que se transformaria em líquido preto e amargo no filtro de pano. Tão preto como eu. Tinha oito anos e, além de preto, era um pouco burro ou muito inocente para a idade. Não que isso me atrapalhasse. A burrice normalmente só incomoda os outros, a cor também, especialmente quando se é o único diferente da alemoada que, semelhante ao meu pai, caracterizava a população do vilarejo.

Talvez por isso não me permitisse ir à escola. Dizia que por lá eu não aprenderia nada de útil. Hoje enxergo sua razão: conhecimento formal não me fez falta até o final da

adolescência. O que eu precisava aprender sobre o mundo ele me ensinava em casa quando retornava do seu trabalho de jardineiro da paróquia. Além das lições teóricas, saíamos para o descobrimento. Se na escola eu aprenderia pouco, entre paredes tampouco minha idiotice iria se transformar em inteligência.

Na primeira vez em que saímos a passear pelos morros ao redor da casa pastoral, o verão recém havia começado. Cactáceas brotavam suas flores delicadas que contrastavam com os caules vulgares e espinhentos pelos caminhos arenosos até o cume. Essas foram as primeiras plantas cujo nome eu aprendi. Depois vieram as enormes coníferas, as gramíneas, as orquídeas e as minhas favoritas: os dentes-de-leão.

– Pai, eu nunca vi tantos mosquitos antes.

– Não são mosquitos, Horácio. Este campo está cheio de dentes-de-leão. São ervas que, depois de florescerem amarelas, soltam essas sementes pálidas que vão para longe.

– Mas como elas saem voando se não têm asas? – perguntei consternado. Para mim apenas pássaros podiam voar, obviamente por terem asas.

– Elas são leves o bastante para o vento levá-las embora – respondeu-me com sua voz sempre tranquila.

Cheio de cuidado, ele arrancou uma delas do chão e colocou-a em frente ao meu rosto:

– Sopra!

Soprei, e as sementes desprenderam-se e viajaram com leveza até onde eu não as podia mais acompanhar com os olhos do rosto, só com os do pensamento. Ao ver que observava sua melancolia, meu pai afugentou da sua cabeça as lembranças trazidas pela cena e continuou falando:

– Elas se agarram a qualquer pedaço de terra, brotam,

e crescem ali mesmo. São muito resistentes. Por isso se chamam dentes-de-leão.

Ainda não me deparei com um leão, mas já sei que seus dentes são afiados e fortes, tanto quanto o bico dos patos. Em outra das excursões, fui levado a um lago além dos morros. Foi num final de semana, quando meu pai não estava trabalhando, e pudemos caminhar por horas. Nem sempre íamos lado a lado. Eu gostava de explorar o mundo e andar pelos caminhos mais estreitos. Junto conosco chegou uma revoada de patos que aterrissaram na superfície do lago e puseram-se a pescocar a água para comer os peixes.

– Eles devem estar famintos depois da viagem – observou meu pai, já esperando minha pergunta e organizando nosso piquenique.

– De onde eles vieram?

– Creio que da América do Norte. Lá é inverno. Eles fogem do frio vindo para o sul. Como o verão está começando aqui, eles devem ter saído de lá há poucos meses, quando ainda era outono. Quando o outono chegar aqui, eles vão embora.

– Como eles sabem o caminho?

– Todos os animais conhecem ao menos uma forma de voltar para casa. Lembra quando esquecemos de amarrar o pangaré do pastor, e ele desapareceu durante a noite? Poucos dias depois ele voltou. Todos os seres gostam de ter liberdade para ir embora.

– Mas os patos voam! Não existe um caminho no céu! O céu é todo aberto! – desafiei, servindo-me de um pedaço de pão.

– Horácio, Horácio... Não é porque você não enxerga um caminho que ele não existe. Lembra quando estudávamos Geografia e lemos que a Terra é um grande ímã

com um polo norte e um polo sul? – ele me perguntou, olhando lá de cima para o meu rosto ali embaixo. Mesmo sentados no campo, ele era muito mais alto do que eu.

– Sim. É assim que funcionam as bússolas – respondi, recordando a imagem do livro que comparava o globo com uma barra de metal imensa.

– Exatamente. Esses polos formam o campo magnético. É como se a Terra fosse envolvida por uma rede invisível. Os patos conseguem sentir essa rede e navegar através dela. Assim eles não se perdem: basta que sigam sempre a mesma corda.

Terminada a refeição, permanecemos nas redondezas do lago até o sol ensaiar o seu pôr. Conheci líquens que cresciam sobre as rochas. Vitórias-régias que, pasmem, não precisam de terra para sobreviver, basta-lhes a água, por mais desacompanhada que esteja. Compreendi que a água tem um ciclo: é aquecida, sobe ao céu, forma as nuvens e volta a cair na terra quando é resfriada. Depois da chuva, nasciam os cogumelos no gramado. No futuro os biólogos decidiriam que os cogumelos não seriam vegetais, mas fungos. Para tudo existe uma classificação que eu, na época, desconhecia, mas já me englobava.

Quando a brisa começou a soprar, meu velho falou sobre as massas de ar e como elas alteram o clima de cada região. O mesmo ar que se movia para espalhar as sementes dos dentes-de-leão. O ar que carregava o pólen para fecundar as flores. Aquele ar que também carregava as bactérias, diminutos organismos que podem conviver conosco ou viver às nossas custas.

Foram elas que, quando eu tinha dezessete anos, romperam nossa rotina, trazendo-lhe mal-estar e tosse, aquela de pobre, que persiste e incomoda, mas não impede de trabalhar até ser tarde demais. Quando ele não conseguia mais se levantar da cama, coube a mim a tarefa de fazer o

café. O pastor visitava-nos diariamente para saber da sua saúde e fazer companhia. Numa das ocasiões, quando a preocupação foi maior, trouxe um médico do vilarejo. Ele foi assertivo no prognóstico: não teria cura nem melhora.

Nossa última conversa girou em torno da minha mãe:

– Por onde ela anda? – enfim eu quis saber.

– Ah, Horácio... Sua mãe é como um dente-de-leão depois que as sementes se depreendem.

Após o falecimento, o pastor promoveu minha mudança para a cidade. Dizia que aquele fim de mundo não era lugar para jovens. Arranjou-me um emprego de jardineiro em uma igreja da capital, próxima a qual segui meus estudos numa escola de verdade. Tomei gosto. Entrei para a universidade onde continuo dando aulas. Hoje observo da janela do escritório o lago do parque além da rua. Devo isso a meu pai, cuja vontade de ensinar foi tão forte quanto o bico de um pato.

VOCÊ NÃO FOI CONVIDADO HOJE

ALice Adams Bohrer

2º lugar

Depois que as pessoas começaram a ver as luzes, havia qualquer coisa que fugia da normalidade na cidadezinha. Os bichos já não agiam da mesma maneira. As crianças sabiam dos rumores, elas ouviam os murmurinhos das gentes, viam os bichos da rua com medo, escondidos pelos cantos, muito quietos e muito cautelosos. Demorou para que caíssem no sono naquela noite. As pessoas andavam trancando suas portas para dormir. Não costumamos as trancar na comunidade.

Tranquei a porta — também. Me deitei na cama e não adormeci, tomada pela agitação, pela ausência dos latidos, por aquele silêncio apavorante. Passei duas horas de braços, parada, pensando. Em alguma hora da madrugada, que não sei bem qual era, ouvi a porta velha de imbuia ranger. Sua mão acariciou a maçaneta. O estranho se aproximou. Eu percebia sua presença, paralisada. Fugia? Permaneci: resignada, inerte. Seus movimentos lerdos, precisos, protocolados manifestavam a falsa impressão de cotidiano. Devia carregar coisas, sentia pelos barulhos alumínicos. Ele ligou a amarelada luz da cabeceira, não se importou que eu o percebesse. Agia de maneira natural e coerente. Primeiro, continuei de olhos fechados, depois, minhas pálpebras se abriram o suficiente para enxergar um vulto, mas não o suficiente para que ele percebesse que a cobaia analisava sua presença estranha. Meu corpo permanecia estuporado, mas o miocárdio se agitava, desritmado. O vulto possuía uma pele esverdeada, não era gente. Seu rosto se aproximou de mim. Ele iniciou algum tipo de procedimento. Abri o resto de minhas pálpebras

na vã tentativa de enxergar. Começou o zunido das maquinarias. As luzes piscavam, futurísticas e cerimoniais, dilatavam e contraíam as minhas íris cor de mel. Não sentia dor, sentia um atormentamento. Como se rasgasse, mas não rasgou. A vontade era de gritar, mas silencieei. A vontade era de fugir, mas permaneci. Fitava aquela coisa que me causava angústia e prazer, que fervia partes de mim, que provocava sensações esquisitas, que me espicaçava.

O vulto verde, cujas formas foram possíveis de se reconhecer como similares às humanas: tronco, braços, pernas, cabeça, nada fazia, permanecia sólido – a me contemplar. O seu rosto, eu não podia enxergar, porque uma porção de manchas pretas emergiam e desapareciam e tornavam infinitas formas, deformando-se, criando desenhos, bem em frente aos seus traços. Ou seriam aqueles seus traços? Suas membranas, estampadas por rugas, entregavam ter vivido uns cem anos a mais do que eu. Depois de terminar o ritual, depois de ter apalpado, com seus sons e esquisitices, fragmentos de minha psiquê, depois daquela quase dor e daquele quase prazer, que não eram somente físicos, mas de qualquer outra natureza que não provinha do material, depois de tudo, se levantou da beirada da minha cama, recolheu seus espalhafatosos troços de cima da cabeceira, e caminhou, com toda a sua lentidão, em direção à porta.

— Você fez algo com meu corpo, não é mesmo? — disse-lhe.

Seu tronco atípico se compassou em seis passos/tempos arrastados, que rodaram em sentido anti-horário. Pela primeira vez durante o processo inteiro, transpareceu curiosidade.

— Você nem me pediu, nem pediu pra entrar, você só fez algo em mim. Não sei o que é, não sei nem se chegou a me atingir, pra ser sincera, mas você fez algo — disse, mas sem ter certeza quanto às minhas percepções.

Ele me respondeu, não de maneira abominável, ou amedrontadora, como acreditava que seria, mas com a lógica mais acadêmica, racionalizada e institucionalizada que poderia se utilizar. É estranho, não entendia uma palavra proferida sequer daquele idioma, mas sabia o que dizia. Naquele tom calmo, explicou, com seus fonemas bizarros e gestos habituados, o procedimento e seu contexto: disse que era de outro planeta, e neste, as doenças progrediram de maneira rápida e ampla, assim como suas respectivas curas e tratamentos, numa batalha voraz entre patologia e saúde. Disse que haviam descoberto naquilo chamado de “imunidade ancestral dos humanos” a solução para a maior parte das problemáticas epidemiológicas. Milagre! Os índices de mortalidade caíram drasticamente, e a população corria, desenfreadamente, rumo a uma vida cada vez mais e mais próspera, e isso só era possível porque humanos, como eu, doavam partes daquilo chamado de “imunidade ancestral”.

Eu não compreendia o termo utilizavado. “Imunidade ancestral”? As diferenças linguísticas atravancavam a comunicação. Exausta, aborrecida, atordoada, sentada em minha cama, embaralhada com minhas cobertas, nua, violada. As ideias e traduções simultâneas, que eram feitas sei lá de que maneira, bifurcadas à mixórdia da situação em si, me desgastavam.

Doava? Não doei. Me arrancaram.

Não gritei com ele, mas queria. Fiz-lhe mais algumas perguntas, e ele, sóbria e calmamente, explicou-me que havia retirado uma parte da minha “imunidade ancestral”, e que não haviam dados que indicassem que o procedimento trouxesse algum dano para a espécie humana, de acordo com relatórios empíricos. Ele esclareceu-me sobre a comercialização do produto, e disse, em tons amadeirados de orgulho, que era responsável por fazer a extração do mesmo.

Me senti que nem bicho. Dos bichos se tira o leite, as penas, o ovo. Ele: progresso, lucro, soma. Eu: neurose de angústia. Como pode ser tão convicto ao afirmar que não sofrerei danos? Os dados não são absolutos. A ciência existe ali onde ele mora? Ninguém me informou dos riscos, ninguém me explicou sobre o procedimento antes deste acontecer.

Ele percebeu minha confusão, exteriorizada em traços no rosto e em lágrimas que corriam livres por minhas maçãs, e acomodou-se no leito da minha cama, embaraçando suas rugas às de meus lençóis, aninhou a pele verde à minha ocre, me acalmou, me aplacou, disse que estava “tudo bem ter medo”, e falava de maneira morna, suas fumaças olhavam meus olhos. E aquele gesto esquizofrênico, aquele duplo-gesto, que violenta e afaça, produzia-me pensamentos caóticos confusos delirantes entreligados. Afinal de contas, era bom ou mau? Me violenta ou me afaça? Mal não devia ser, segurava minhas mãos, me consolava, então era bom? Não, bom não devia ser, me extraía, me diminuía.

Meu corpo tornou-se deficiente de qualquer coisa que seja que o estranho tomou para si e resolveu, em alguma lógica qualquer de seu pensamento, que agora pertencia a ele. Mas algo peculiar nasceu daquele momento em que me afagou com jeitos e palavras tão dóceis: eu me afeiçoei à criatura. Isso não sufocava o implícito desejo de lhe escancarar a dor e o distúrbio que me causou. Pensaria que sou louca? Me zombaria? Me diminuiria? Me tomaria como exagerada? Histérica? Mal-amada? Malcomida? Diria que são minhocas na cabeça, sim, é isso que diria. Como pode uma criatura tão amável, tão civilizada me furtar de mim mesma? Será que aquilo foi atroz? Talvez fosse normal, pelo tom de voz assemelhava-se à normalidade. Eu que estava exagerando, eu que estava descontrolada, irracional, num estado de a n o r m a l i d a d e psíquica.

(Timidamente, lhe balbuciei, entre solucinhos de choro, que não queria que me interpretasse mal, pois entendia sua angústia, mas que, quem sabe, talvez tudo aquilo fosse um tantinho errado e antiético, e que me senti mal, e lhe expliquei, quase que gaguejando de nervosismo, que talvez, não que eu soubesse de tudo, mas que talvez o correto seria pedir a autorização das pessoas envolvidas no processo, e quem sabe, se houvesse como, iria apreciar de ter a minha “imunidade ancestral” restabelecida ao normal, pelo menos até conseguir entender os danos a longo prazo que o processo poderia me causar, não que eu quisesse ser indelicada nem nada do tipo.)

Ele parou. Parecia envergonhado.

O alienígena me perguntou se eu não tinha gostado, se não tinha sido bom pra mim. Começou uma frase referenciando algum estudo, mas lhe interrompi.

— Não me importam os estudos. Não gostei.

O alienígena me perguntou se eu não estava feliz em ajudar.

— Não.

Passou muito tempo pensativo, observava a paisagem: os macramês, as latarias, a paleta de cores quentes espalhadas pelo abajur, as rendinhas da cortina, os reflexos, as bonecas de porcelana, os beeps. Ele se levantou da cama e abriu a janela do quarto ao lado da entrada. Os esmiuçados, alongados, enrugados dedos tatearam o interior da maleta buscando um maço de cigarro perdido, e ele retornou à beirada da janela, contemplando aquela noite perversamente quieta. Não possuía boca, as fumaças de nicotina e tabaco se misturavam com suas manchas escuras inconstantes e dinâmicas. Ficou bastante quieto por muitos minutos, mesmo depois de ter consumido todo o cigarro, apagado o toco no metal de um de seus dispositivos e largado-o num copo d’água em cima da mesa de cabe-

ceira. A emanção do fumo se mostrava implacavelmente útil no propósito de esconder-lhe o explícito sentimento de humilhação. Disse-me, em sua língua estrangeira, de maneira objetiva e distante, sem em qualquer momento me olhar nos olhos, que nenhum humano nunca antes em sua vida havia lhe constatado que não gostou, que não foi bom, que não se sentiu feliz em ajudar. Disse que não queria que eu o visse dessa maneira, que não era nenhum monstro e não desejava ter passado essa impressão. Disse que, como havíamos recém nos conhecido, não sabia que eu não gostaria, e como iria saber qual era o meu limite? Disse que, afinal de contas, eu nunca falei que não, que não queria e como ele, supostamente, iria adivinhar?

Por que eu não disse que não? Não sei. Importa? Demandou-me algumas reflexões para fermentar uma resposta para seus questionamentos, mas apenas fui capaz de retribuir com outra pergunta:

— Meu silêncio é um convite?

Permaneceu quieto, acredito que me julgava mesquinha e egoísta. Ficou um tanto melancólico. Senti-me culpada por não desejar lhe ajudar. Puxou outro cilindro do maço, enfatizou, novamente, que não queria que eu pensasse assim dele, ou dos alienígenas em geral, como ele, mas que, de qualquer maneira, era tarde, *muito tarde*, para fazer qualquer reparo que seja, pois o processo é irreversível, e afirmou, embaraçado e frio, que sentia muito, e, ressentido, pegou suas coisas, foi embora pela mesma porta que entrou e nunca mais apareceria de novo. Eu permaneci ali, deficitária, incompleta de alguma parte de mim que não sei bem qual, e qual sua função e o quanto sua ausência vai fazer ou não falta. (E aquilo tudo me tumultuava: poderia eu sentir raiva dele? Se disse que sentia muito? Era bom ou mau?)

Não dormi naquela noite. Não contei a ninguém sobre o que aconteceu. De manhã, me sentei diante da mesa

de canjerana que tinha na cozinha e, distraída, esqueci a chaleira chiando sozinha, chorando um canto agudo que acordou as crianças antes do horário. Meu antebraço e mão direitos apoiavam meu rosto. Ouvia os sons esganiçados dos cadeados e fechaduras sendo abertos de manhã, um a um, mas os bichos: estes permaneciam silenciosos e cautelosos. As crianças desceram, agasalhadas, e me perguntaram com quem falava de madrugada. «Telefone», respondi. A brisa, que entrava convidada pelas venezianas abertas e esquadrias de pinho, misturava-se aos vapores do mate e aquele frio de maio não era ameaçador ainda. Ainda estávamos seguras do inverno.

Fazia dois dias desde que fumara pela última vez. Desde então, sua vida estava ainda mais insípida. Havia parado a pedido de seu marido, que, ao chegar em casa após um dia longo no trabalho, não suportava o sabor da nicotina morando em seus lábios. Tinha parado, mas queria. Queria muito. Queria tanto um cigarro que seus dedos formigavam e ela se pegava elevando-os até a boca para tragar o nada.

Mas não faria. O marido trabalhava tanto por ela e pela família, ela poderia fazer esse sacrifício.

Ocupava-se pela manhã com seus filhos, os quais despertava após preparar o café, que saíam de casa às sete horas exatas, a tempo de chegar na escola antes de o sinal tocar. Quando a porta se fechava atrás deles, e a casa ficava muda, seus dedos tamborilavam ansiosos, sabendo que o silêncio reinaria até às seis da tarde.

De segunda a sexta, tinha que preencher essas onze horas sozinha em casa.

Antes, os cigarros fluíam, um após o outro em uma corrente infindável que acompanhava o canal de telemarketing passando na tv, os quais assistia decorando pela metade os telefones como se fosse fazer um pedido.

Agora, sentava em frente à TV, sem ânimo. Não era a mesma coisa quando não podia dividir seu foco no Super Secador Exclusivo com o cigarro. Desligou a TV e reclinou-se na poltrona do marido, seus dedos, como colibris enjaulados, buscando alguma função.

Decidiu que faria algo útil, algo que levantasse o hu-

mor da casa. Decidiu fazer um bolo, mas nunca teve dotes culinários, muito pelo contrário, a única refeição em que era bem-sucedida era no café da manhã. Queimou o bolo. Deixou-o na bancada, uma massa carbonizada tossindo cinza. A fumaça a lembrou do cigarro. Salivou. Queria um. Só um.

Não. Deveria ocupar-se com outra coisa.

Decidiu limpar o escritório do marido, que, de tanto fazer horas extras na firma ao invés de trabalhar de casa, estava empoeirado.

Espanou a prateleira e as fotos em família, o computador e o teclado, tudo que poderia ter sofrido os efeitos do desuso. Terminada a poeira, decidiu limpar as gavetas. Na primeira, organizou documentos jogados e recibos velhos. Na segunda, arrumou recipientes para armazenar a quantidade desnecessária de cliques e grampos que possuía. Na terceira - estava trancada.

Tentou não pensar nela e voltar à sala, para talvez assistir uma reprise na TV, para talvez ouvir o rádio, mas a curiosidade alimentava o tremor nos dedos e ela já não tinha aberto mão do cigarro? Agora tinha mais isso?

Pegou uma faca na cozinha e abriu a gaveta. Dentro, três coisas: seu maço, o isqueiro e um bilhete. Não ousou olhar os outros objetos e abriu o bilhete.

“Querido, Roberto. Você sabe que adoro quando me visita no escritório, mas não aguento mais o cheiro de cigarro que te permeia. Apesar de nunca ter te visto fumando, eu te imploro que pare, você sabe que esse cheiro me traz memórias do câncer de meu pai. Te espero e te amo, Patrícia.”

Quando fechou a gaveta, só o bilhete permaneceu dentro dela.

Seus dedos nunca estiveram tão calmos quanto quando seguravam o cigarro e a garrafa, nunca estiveram tão firmes quanto quando esvaziou o uísque na poltrona e deixou a chama da bituca incendiá-la. O fogo se estendeu pela casa inteira, forçando-a a abandoná-la.

Sentou-se na sarjeta. Observando o incêndio, inalando profundamente a fumaça.

Quando os bombeiros chegaram para extinguir as chamas que restavam, perguntaram o que fazia ali no frio.

Acendeu um cigarro no fogo que se aproximava.

“Há prazer em assistir as coisas queimarem.”

FOME

Bárbara Abelin Ribeiro

Era perto das oito da noite. Escutava “Preciso me Encontrar” a todo o volume e cantava com o empenho de quem participa de um reality show. Virem as cadeiras, Ravióli e Pinot Noir, por favor. Cartola se orgulharia. Um brinde a mim mesma. Não consegui evitar: por alguns segundos, vi o vermelho colorir os pedaços de cebola em cima da tábua de madeira. Cozinhar, ouvir música e beber eram meus novos – nem tão novos assim – passatempos.

O estado da sala se confundia com o meu estado de espírito. Sobre a mesa, a bagunça multicolor das tintas e o cinzeiro quase transbordando faziam companhia a uma lista de coisas pra cumprir quando fosse possível viver novamente. Restaurante da esquina, Chinês da Cel. Vicente, cervejada na frente do Ocidente, Ocidente, não voltar para casa por dois dias seguidos, voltar pra casa com as pernas doendo de tanto dançar, ficar atirada na Redenção, bater perna no Centro, conversar por horas de mãos dadas com as amigas, comprar uma roupa nova e conhecer o Bernardo, o crush preferido entre todos com que flertei virtualmente para ocupar a mente. Maldito coronavírus.

Conversei tanto com o Bernardo que não tinha mais como voltar atrás. Um assunto puxava outro, que puxava noites em claro. Dez anos mais novo. Onde eu tô com a cabeça? Já imaginava nós dois sentados no pátio, com os pés na grama e os corações ainda amolecidos, contando para os nossos filhos adolescentes como havíamos nos encontrado em meio à loucura de uma pandemia, sob o governo do presidente mais imbecil e criminoso que já passou pelo Planalto. A voz suave de guri encabulado não

falhava nem um dia. Oi, Bê, como tu tá? Acabei, dá uma olhada e me diz o que achas. Seus grandes olhos verdes analisavam sempre atentos as minhas obras toda vez que, ainda com as mãos sujas, eu ligava para mostrá-las. Pouco me importava a sua opinião.

Me sentei no tapete, acendi um baseado e fiquei observando os últimos raios de sol que entravam pela janela e transformavam a poeira num pequeno universo de partículas dançantes. As pupilas contraídas do Gil formavam filetes verticais cada vez mais finos, deixando o azul brilhante tomar conta das suas bolitas. Depois, acendi um cigarro. Lembrei que precisava remarcar a terapia e pagar a conta de luz. Por que eu ainda não coloquei essa porcaria no débito em conta? Se cortarem, eu vou ficar puta.

Em seguida, acendi um incenso. A brisa do outono misturava o cheiro de todas aquelas fumaças. Vento perfumista. Que bobagem a minha. Talvez dê um quadro bonito. Vou anotar. As folhas das árvores perdiam vida conforme a noite caía. Oi, estrelinha. Queria pedir pra que isso tudo passe logo, porque eu não aguento mais. Senti o gosto salgado encostando lentamente nos meus lábios. Alô. Tô bem, mãe. Aham, tudo certo. É, tô aqui, achando o que fazer. Tô, tô produzindo sim. Não te preocupa. Claro que tô me alimentando direito. Também te amo, beijo no pai.

Bateu a larica. Na geladeira, peguei uma cebola. No armário, uma tábua e uma faca. Preciso chamar alguém pra arrumar essa porta. Será que os vizinhos me escutam cantando? Foda-se. Bê, cadê tu? Vou chamar a tela que te mostrei hoje de Utopia, que tal? Bê, fala comigo. Descasquei a cebola devagar e comecei a cortá-la em pedaços bem, bem pequenos. Ai, não posso ver sangue.

Nunca matei a minha fome.

TATUAGEM

Gabriel Matte de Moura

Conhecia uma garota que tinha o corpo tatuado dos pés à cabeça. O topo do couro cabeludo era raspado e nele havia um mapa, como se o crânio fosse o globo terrestre; as mãos tinham inscrições, de poemas e de letras de músicas; os pés eram como raízes; os seios também eram marcados, um deles com estrelas, o outro, com planetas; ao redor do umbigo, um botão de rosa abria; nas costas havia um enorme dragão em tinta preta, de asas abertas que se expandiam pelos braços. Um arqueólogo adoraria vê-la nua, era como observar as linhas de Nazca do céu. Transamos somente uma vez e foi a experiência mais singular que tive na cama.

Têmis apareceu morta há duas semanas. O corpo, inconfundível, flutuava nas margens do Guaíba, encontrado por dois garotos que jogavam futebol. Foi notícia no jornal, e segundo o repórter não havia sinais de violência. O pai, advogado, exigiu justiça, convencido de que se tratava de um homicídio. Na minha opinião Têmis não era o tipo de pessoa que cometeria suicídio, portanto a tese de assassinato parecia a mais convincente.

Sem que o pai soubesse, contratei um detetive particular. Seu nome era Wilson, um cinquentão barrigudo, de barba por fazer, cuja propaganda estava colada nas paradas de ônibus. Paguei em dinheiro, adiantada, uma parte. O resto seria dado ao fim da investigação. Forneci a ele o nome completo da vítima, as circunstâncias sabidas da morte, detalhes sobre a aparência de Têmis e traços de sua personalidade. Wilson me assegurou que era o melhor do ramo em Porto Alegre e que em uma semana já teria in-

formações.

Estávamos na cama, depois do gozo, deitados, no calor. Era verão, o ventilador estragado, os lençóis ensopados. Têmis acendeu a luz de cabeceira, onde havia uma pilha de livros, e pegou o maço de cigarros. Percebi que a tatuagem logo abaixo do olho direito não era uma lágrima, mas a conta de um colar, decerto feita de cristal ou vidro. Uma pérola, talvez?

— O que foi? — ela indagou.

— Estou mapeando as suas tatuagens — eu disse, tocando a bochecha da garota.

— Gosta?

— Acho admirável. Já escolhi as minhas favoritas.

Ela sorriu, depois trago o cigarro e soprou a fumaça para o alto. Cruzou as pernas nuas.

— Quais são?

A rosa. Um botão abre-se ao redor do umbigo. As pétalas são delineadas por tinta preta, e preenchidas com tons de vermelho.

O universo. O seio direito é repleto de estrelas, com algumas constelações visíveis. Traços e pontos negros, e uma pintura em aquarela por cima, que vai do azul escuro ao avermelhado. O seio esquerdo, por sua vez, é um retrato do sistema solar, os planetas em órbita, como se o bico fosse o Sol.

O dragão. Em preto e branco, cobre as costas de Têmis. Está, ele mesmo, de costas. A cauda do animal desce até o cóccix. As asas abrem-se, e parte delas segue pelos ombros

e braços. As escamas são um trabalho que deve ter levado dias, senão meses.

O mapa. É como se o globo terrestre estivesse retratado fielmente na cabeça, os continentes e os oceanos, as pequenas ilhas. Alguns poucos territórios estão delineados em suas fronteiras, sendo eles os lugares já visitados por Têmis. São eles a Argentina, a Colômbia, o Peru, Portugal, Espanha, Vietnã e Tailândia. Além do Brasil, é claro.

— Não gosta das minhas pernas? — Ela indagou.

— É uma ideia original tatuar dois troncos de árvore, mas sendo bem sincero, não acho muito bonito. Esteticamente falando.

Ela riu, apagou o cigarro no cinzeiro e me deu um beijo quente. Eu acariciei a via láctea, passei a língua pelo Sol. Ela gemeu baixinho e recomeçamos.

— Descobri onde ela esteve na noite anterior à morte — disse Wilson, sentado na cadeira do escritório. Ele mantinha os pés sobre a mesa, como aqueles detetives que vemos em filmes. — A sua amiga foi a uma festa. Esteve lá com outras duas garotas. Parece que uma era a namorada. Entraram no local aproximadamente às onze horas da noite. Têmis foi embora sozinha, perto das duas da manhã. A namorada e a outra menina ficaram na festa.

— Então a última vez que a viram foi pela madrugada.

— Sim. Ela saiu da festa e entrou em um bar, próximo dali. O dono do boteco me disse que a viu chorando, e que ela pediu uma garrafa de cerveja. Ela ficou no local até às três da manhã. Ele mostrou uma gravação. É possível ver Têmis sentada, bebendo sozinha.

— E depois?

— Saiu dali e caminhou pela avenida Independência. Andou sozinha por um tempo, em direção ao centro da cidade. Ela morava em um prédio antigo na avenida Salgado Filho. Existe uma gravação que captura o momento em que ela entra no edifício.

— Ela foi para casa? Não entendo.

— Ficou em casa até às quatro e meia, quando novamente aparece na gravação. Depois disso, não há sinal dela. A minha hipótese, considerando o contexto, é que tenha se suicidado. Como eu disse, ela estava com a namorada na festa, e saiu de lá chorando.

— E a autópsia? Você teve acesso?

— A conclusão foi morte por afogamento.

— Como alguém se mata assim?

— Colocando pedras nos bolsos. Pulando de um lugar muito alto. Não sei. Use a criatividade.

A última vez em que Têmis e eu nos encontramos foi no aniversário de um amigo em comum. Fazia um ano e meio desde que eu dormira na casa dela, e falávamos eventualmente pelas redes sociais. A conversa foi natural, sem qualquer espécie de clima estranho. Ela mostrou as novas tatuagens, os novos países que visitara na Ásia e na Europa, além do Egito, Senegal e Moçambique. Havia, também, uma nova ilha, entre o Mediterrâneo e o Atlântico.

— Atlântida, dizem, era um continente, e as pessoas viviam lá em meio a tecnologias inimagináveis. Até que de um dia para o outro afundaram no oceano, tragados pelas águas.

— Um terremoto?

— Talvez. Há lendas que falam de um meteoro. Pode ter sido punição divina, quem sabe? Eram tão avançados para a época...

— E desapareceram sem deixar vestígios?

— Como se fosse mágica.

— Você visitou muitos países no último ano. — Eu falei, olhando para o mapa.

Ela sorriu, passou a mão na cabeça nua e bebeu um gole da cerveja.

Fui no enterro. Estavam o pai, a madrasta, a namorada, amigos que tínhamos em comum e demais familiares. Havia também alunos dela, do curso de inglês. Uma garota em especial chorava muito. Os colegas tentavam consolá-la sem sucesso.

— O que você gosta mais em mim, além das tatuagens?

— O sorriso. — Eu disse, cruzando as pernas.

— Péssima resposta. Muito clichê. Escolha outra coisa. E não vale dizer a boca, os olhos, as orelhas...

Eu acariciava a rosa, fazendo círculos em torno do umbigo. Ela acendeu outro cigarro.

— O que eu mais gosto em você é a forma como você faz amor — eu disse.

Têmis gargalhou.

— Está apaixonado? — indagou, soprando a fumaça.

Paguei a última parcela ao detetive. Era um dia frio, escuro. Eu já estava convencido da hipótese de suicídio.

— Novas informações — ele disse — Ia ligar para falar a respeito, mas como você apareceu...

— Não tenho mais interesse. Já é suficiente saber que foi por vontade própria, que não foi morta por algum bandido.

— Ela estava com câncer — disse o detetive Wilson.

— Câncer?

— Sim. Espalhou por todo o corpo. Já havia atingido o cérebro. Falei com a namorada. Bastava conversar com ela, é uma pessoa muito acessível. Desculpe, achei que você deveria saber. Um caso simples, no fim das contas. É evidente que não vou devolver o dinheiro, se é que me entende.

Saí do prédio comercial um pouco zonzinho. Caminhei pela avenida Salgado Filho, tropicando na calçada irregular, depois atravessei a Praça da Alfândega, rumando em direção às águas do Guaíba. Já era fim de tarde. Algumas pessoas se exercitavam na orla, outras tiravam fotos, sorridentes. O Sol baixava avermelhado no horizonte, escondendo-se atrás das águas.

O PÁSSARO NO QUADRO

Lara de Paula Santos
3º lugar

Desde que era criança meu avô falava do maldito quadro. Contava sobre como o recebeu de seu avô e ele, da avó dele. Não se sabia ao certo por quantas gerações aquela obra passou. Não, não sou descendente do artista, apenas daquele que passa o quadro. Um dia, eu também passei. Levava uma vida inteira. Primeiro escuta-se sobre o quadro, depois é preparado para passá-lo e então, o recebe. Enquanto pequeno, o fascínio me fez seu. Ansiava por aquela coisa que nunca vi. Era muito orgulhoso, sim, por ter sido escolhido como herdeiro. O único. É a tradição da família.

O inferno tomava forma em risadas infantis. Nunca descobri o motivo de eu ter sido o escolhido daquele velho. Era o neto mais miúdo e desinteressado, frequentemente confrontado por meus cinco primos. Também não era perspicaz como minha irmã nem audaz como meu irmão. E, particularmente, nunca gostei de meu avô. Temia-o e seus ataques de cólera.

Uma família mesmo tenebrosa, a minha. Podre de rica, mas certamente mais podre que rica. O quadro. Sim! Aquele me ganhou desde o início! Quando fui morar na mansão de meu avô, isolada nas montanhas, ouvia sobre ele todos os dias. Mudei-me para aquele palacete afim da preparação como seu herdeiro. Coisa que nunca entendi bem.

Pragmaticamente não era complicado. Só existia uma regra: nunca olhar para o quadro. Oras, que criança não ficaria curiosa? Mas, acostumado como eu estava com o

temperamento ranzinza do velhote, não abria a boca. Apenas uma vez. Lembro que não me aguentei de tanto imaginar e lhe perguntei o que é que tinha naquele quadro. Ele, taciturno, depois de queimar meu interesse com os olhos encovados, disse:

- Tem um pássaro no quadro. Se você olhar para ele, vai libertá-lo. Você não pode. Você só passa o quadro!

Passei a vida inteira lembrando desta frase amaldiçoada.

Ainda criança, solitário e entediado, vez por outra espiava por trás dos arbustos e das roseiras, uma construção de mármore que ficava separada da casa. Era lá que ficava o quadro. De tempos em tempos, surgiam algumas pessoas em nossa propriedade que, acompanhadas de meu avô, entravam naquele salão e demoravam a sair. Quando saíam era sempre espantoso; choravam descontroladamente, nunca entendi se de felicidade ou tristeza. Alguns só voltavam carregados!

Foi mais ou menos nesta época que comecei a temer o tesouro de minha família. Se era algo que eu estava *proibido* de ver e todos que viam, choravam, coisa boa não devia ser. Parei de me esgueirar pelos entornos e só voltei ali a pedido do velhote, muitos anos depois. Na juventude.

Comecei a participar dos tediosos coquetéis, que muitas vezes serviam de sala para os admiradores do quadro. Estes, aprendi, vinham não sei de onde e sabiam da existência da obra, não sei como. Foi o que o desprezível disse. Aquela gente simplesmente vinha. Paravam seus carros importados na frente dos arcos do portão. O velho os recebia e entregavam-lhe quantidades absurdas de dinheiro. Então, entravam numa sala separada, ainda na construção de mármore, e ficavam por horas e horas.

Tentava pensar em qualquer coisa que não fosse no quarto fechado com gente maluca e um quadro que eu

imaginava assombroso, mas não havia muita coisa para fazer no salão silencioso apenas em companhia de meu avô bêbado. Já perturbado com imagens aterrorizantes e dúvidas que dilaceravam os sentidos, enfim resolvi perguntar numa dessas tantas ocasiões:

- Meu avô, como é o quadro?

Ele continuou a beber, alisando os cabelos brancos enquanto me mandava calar a boca com o olhar. Depois de alguns minutos, virou-se para mim, os olhos em fel.

- Não sei. Nunca vi.

Foi tudo o que ele disse. Não preciso dizer que fiquei profundamente atormentado. Ainda sou! Aquele asqueroso! De que adiantou tê-lo como antecessor? Comecei a observar as expressões das pessoas que saíam com mais atenção. Lágrimas, desmaios, sorrisos escandalosos, olhares tempestuosos e silêncios obscuros. Tinha de tudo e nunca era igual para ninguém. Esta foi a primeira vez que o pensamento de ter entrado numa roubada me picou.

Narcisos murchavam à beira do lago lamacento. Depois de meu avô imprestável falecer, eu assumi o lugar, já adulto, casado e com quatro filhos. Me tornei o anfitrião fazendo sala para os admiradores, bebendo sozinho no salão de mármore. Perguntava a eles o que é que tinha lá, aos que me agradeciam fervorosamente antes de ir embora. Cada um dizia uma coisa. Sempre algo abstrato, contraditório ou ridículo demais. Eu não compreendia. Nunca compreendi. Eu só passava o quadro.

Os anos me tornaram alguém ácido, corrosivo para os demais. Entendi bem que ninguém gostava de mim, mas não liguei; a única coisa que dominava meu coração era o pássaro que não podia ser libertado. Aquele pássaro que já havia imaginado montanhas de cores e mares de penas. O pássaro. Meu pássaro. Amava-o e detestava-o.

Na velhice não se teme muita coisa, o que há de mais

vivo em mim, ainda hoje, são meus arrependimentos. Buscava forças para passar. Não, eu não podia perder a cabeça ainda, tinha de escolher o próximo herdeiro entre meus onze netos e passar aquilo que me passaram.

Um dia, nos mesmos jardins que, quando criança, me espreitava a espiar, minha sucessora fez a mesma pergunta que eu fiz ao meu avô. Era um sentimento estranho o de estar no lugar daquele desgraçado. É claro que dei a mesma resposta que ele. O desgraçado era eu, também.

- Tem um pássaro no quadro. Se você olhar para ele, vai libertá-lo. Você não pode. Você só passa o quadro!

Saliva amarga tomou minha boca. Possuído por uma voraz tremedeira, gritei aos empregados que levassem a menina para dentro e, com olhos engolidos pela fúria, atravessei o bosque. Para o inferno toda a tradição, libertaria o pássaro! Entrei naquele quarto. O compartimento que meus olhos nunca viram na luz. Tinha um daqueles lá dentro, um jovem alto, bem-apessoado. Aquele, especialmente, pagara-me para admirar a obra por um dia todo. Desde que pagassem devidamente, nunca me importei com o tempo que ficariam por lá.

Perdido no anseio, ainda afugentado pelo temor, minha cabeça continuou abaixada. Como eu poderia levantar olhos tão pesados? Ofeguei, mas ar foi exilado de mim. Meus dedos tremiam, histéricos, como o surto que precede a morte dos insetos. Agarrei as pálpebras e arregacei a pele. As íris, tremeluzentes, resistiam. Eu as forcei, apertei os globos oculares, pressionei até que as malditas se rendessem. Elas se renderam.

O quadro. Ele estava ali! O quadro de pássaro. O quadro que eu passava. Não encoberto pelo pano preto. Não escondido pela escuridão. O quadro estava ali! Diante de mim. Capturado por meus olhos arregalados.

Não.

Não havia nada.

Não havia pássaro algum.

Não havia pintura, quadro nenhum!

Não havia.

- Cadê? Cadê o pássaro?

O jovem virou-se para mim, sorriso entristecido na cara.

- Ah... O senhor já não pode mais ver, não é?

ODE A GINSBERG

Luiza Prates da Cunha Dal Santo

Eu vi os expoentes da minha geração presos no alto de uma torre, enlouquecidos por seus próprios ideais conformistas. Presos no alto de sua ignorância e loucura. Alguns poucos amarrados a ideias e promessas políticas que só fazem parte do fundo de sua mente anárquica, quase. E sequer chegam a formar a faísca da transformação. “Um homem só não faz verão”, é o que dizem. E não tem mais rock; não tem mais o encanto do obsoleto; o brilho da curiosidade ou o famoso “je ne sais quoi”. Suas veias não correm como o fluxo enfurecido do trânsito de final de tarde, como as luzes que queimam até o dia raiar e depois se apagam como se nada tivesse acontecido. É tudo estático. Mais estático do que as ondas sonoras do rádio. E eu não danço! Isso me torna tão versátil quanto eles. Eu não danço por fora. Meu interior queima em adjetivos que sequer encaixam. Entro em combustão quando minha banda favorita começa a falar sobre “*regressive ideals and political change*”, e boto o disco inteiro pra tocar. Greta tem palavras bonitas sobre revolução; seu sotaque quase britânico incita ondas de preocupação climática e geracional que me remetem a sei lá quantas pessoas antes de mim. Quase consigo sentir como teria sido conhecer de perto os hippies e seu movimento nos anos 60 e 70, mas então paro por um instante e me lembro do cheiro de maconha do meu bairro. “De que porra adianta ser vegetariano e beber refrigerante?”, pergunto ao meu pai. E minha gata se deita na janela enquanto leio Florbela Espanca pra ela. O sofrimento latente dos amores não correspondidos faz meu cérebro chorar contra a miríade de emoções que ten-

to sanar. E as ruas lá fora não param por ninguém. Kerouac é que foi inteligente em agitar o mapa. A ideia de ficar presa aqui me enlouquece - não posso deixar a curiosidade me consumir. Tem coisas que nunca vou saber como são. O tempo é curto e longo na mesma proporção. Alguém já explicou a teoria da relatividade. E o sol é engolido pela lua (ou seria o contrário?) quando começo a chorar meu existencialismo barato enquanto a chuva cai. “Uivo” bate em mim com sua realidade nua e crua e quero abraçar Ginsberg e dizer que sinto muito por Lucien Carr ter sido um babaca. Sinto muito por todas as pessoas que fazem de nós poetas. É como se ativassem uma bomba relógio sem saber o estado primitivo que pode nos arrematar. E deito no meu sofá, de cabeça pra baixo e pés na parede, enquanto encaro a tv e suas promessas vazias. Consumismo, capitalismo, sexismo/machismo. A tela quadrada anuncia que mais uma mulher foi morta lá fora, e não me sinto segura nem perto da minha própria sombra. A luz pisca uma ou duas vezes. E o breu que vem depois é o prelúdio da tristeza - da minha. Há apenas a voz na minha cabeça; ela quer todo o espaço da sala. Me pergunto se a tendência suicida é real. Um bebê começa a chorar do outro lado da rua. Seus pulmões e gritos são mais fortes do que a homofobia e o racismo, no meu mundo ideal, deveriam ser. E tudo é efêmero. O choro, a crise, a tristeza, o vinho e a vida. Os livros depois de mim é que vão ficar - aqueles pesados na minha estante, que pulam da cabeceira e me lançam um erotismo maior do que ele. Ou do que qualquer ela poderia fazer. Pisco uma ou duas vezes até refratar as ideias e tudo o que consigo dizer é “ele não”. Ele e aquele outro também. Então me sento por um instante, encho minha taça com mais vinho e penso em quantos “holys” já foram ditos. Aí lembro que o silêncio não é a maior arma contra a ignorância. Palavras são. Sentenças curtas e longas. Prosa e lírica. Que as minhas palavras e as suas venham como são: autodidata ou aprendizagem. Apenas talento.

Ou, com algum esforço, dedicação. Merda. A coerência no caos do jazz faz mais sentido do que alimentar a concorrência alheia. E a pilha de Burroughs cai. Bukowski despenca junto. Só penso no peso que um deve ter sido pro outro; um junkie e um velho safado. Estereótipos e genialidade a seu modo. Tiro um cigarro amassado do bolso; o alívio sádico dos problemas do outro. Quantas pessoas mais cabem na equação? A tendência à autodestruição manda lembranças, e sei que vou guardar aquele cigarro como recordação dos dias em que isso significava algo. Por hora apenas me concentro em passar, por isso e aquilo e lembrar que sempre vou ter Ginsberg. Allen e sua depravação e erudição não acadêmica; seus problemas com drogas e governo, reitoria e seu círculo social quebrado. Se eu quebrei, ele também quebrou. E todos nós sorrimos e falhamos e continuamos tentando à beira da imperfeição. Algumas mensagens melhores do que outras, à espera de serem ouvidas (e eu ouviria, se meu ouvido não sangrasse diante da péssima dicção do novo presidente). Porém, como diria outro menino perdido, da Geração Perdida: “E assim avançamos, botes contra a corrente, impelidos incessantemente de volta ao passado.” Porque Suave é a Noite; os belos e os malditos acabam sendo a mesma coisa e nunca conheci ninguém chamado Gatsby.

Mais um gole de vinho. Agora me deito, em meio a um contorcionismo exagerado, e caio no sono apesar de tudo isso. As referências começam a embaralhar. Então o universo finalmente se cala, e sinto que posso lidar.

NOSSA CRISTINA

Marina Luz Figueiredo

2.402,076 casos confirmados. 165,106 mortes. 38,654 confirmados só no Brasil. Cristina contava aqueles dígitos como quem não tivesse nada melhor para fazer. Não tinha, foi demitida no começo da quarentena. Seu chefe não queria perder dinheiro pagando quem não ia trabalhar. Estava sem emprego, sem nada para fazer e com uma vontade de ver o quanto o mundo queimava à sua volta. 854 casos no Rio Grande do Sul.

Morava sozinha, havia se mudado da casa dos pais há menos de um ano. Não estava acostumada com um apartamento vazio e, com a pandemia, a solidão era ainda pior. Não podia sair de casa, receber visitas estava fora de questão. Vez ou outra falava com seus amigos e familiares por vídeo chamada, porém estava longe de saciar sua vontade por gente. Queria tocá-los, abraçá-los, tê-los por perto, sentir seu calor. O apartamento era frio demais sem companhia.

Mas tinha que ficar em casa. Aquele vírus continuava a se espalhar pelo mundo. 2.402,076 casos confirmados e o número crescia. Era muita gente. E podia estar em qualquer lugar. No mercado, no ônibus, em seu prédio. Não arriscaria matar a saudade de quem amava e correr o risco de não poder mais vê-los. Ficaria em casa, independente da solidão.

Cristina olhou ao seu redor e levantou-se da cama. Estava deitada fazia muito tempo e a tela do computador já a havia entediado. Esperava que algo chamasse a sua atenção, mas nada a interessava. Lembrou que não tinha

regado as plantas da sacada e usou isso para se distrair.

Eram duas: uma samambaia e um cacto. Recebeu ambas de presente, uma do irmão e a outra da tia. Nunca pensaria em ter plantas, porém apreciava o quanto elas melhoravam a decoração da casa. Pegou o regador e molhou-as.

— Obrigada. — fingiu que a samambaia disse. Sua voz era fina, feliz com a presença de Cristina.

— De nada. — respondeu.

— Eu não preciso de tanta água assim. — o cacto disse, baixinho.

— Desculpa, nunca sei quanto é o suficiente para você.

Imaginou que o cacto a desculpou, apesar dele não dizer em voz alta. Ele se fazia de difícil, mas ela acreditava que, no fundo, era apenas tímido. “Muitos espinhos em volta de seu coração”, Cristina pensou, rindo consigo mesma.

Passou a conversar com suas plantas todo o dia. Samanta era a samambaia, sempre se divertia com ela. Vivia fazendo piadas e adorava falar, podia tagarelar a tarde inteira se permitisse. Caio era o cacto, esse era mais quietinho. Foi difícil se relacionarem no começo, porém, assim que Cristina acertou o quanto de água ele precisava, os dois ficaram inseparáveis. Ao contrário de Samanta, Caio era um bom ouvinte. Cristina contava tudo para ele. Confiava naquele cacto mais do que em qualquer um.

Sentia-se renovada. Não mais se importava com a quarentena, tinha novos amigos que lhe faziam companhia. Passou a dar vida para outros objetos. O forno virou Fabrício; a mesa, Marcelo; a geleia, Gisele; a poltrona, Patrícia; o espelho, Cristina. Assim, todos os cômodos foram se enchendo de vida e parou de se sentir sozinha. Cada lugar em que andava dentro daquela casa era uma festa.

- Bom dia, Cristina.
- Boa tarde, Cristina.
- Boa noite, Cristina.
- Dorme bem, Cristina.

Vivia bem assim. O número de infectados lá fora só subia, o de amigos que tinha entre quatro paredes também. Não se sentia isolada e estava segura.

Um dia, enquanto Cristina regava as plantas, Samanta tagarelava como sempre:

— A casa está bem mais animada, não? Me deixa feliz, era muito quieto antes.

— Eu preferia quando éramos só nós três. — Caio respondeu. — É barulhento demais agora.

— Rabugento como sempre. Se bem que tem algo me perturbando esses últimos dias.

Cristina a olhou estranho. Ela era a última que imaginaria se incomodar com a casa cheia.

— Como assim?

— Bem, Marcelo não anda meio estranho para você? — eisse.

Cristina fez que não com a cabeça.

— Você sempre apoia as compras nele antes de desinfetá-las e ele anda meio cansado. Gisele também me disse que ele tem problemas para respirar às vezes. Ontem eu o ouvi tossindo, viu?

Cristina olhou para ela em choque. Sabia que a samambaia gostava de fofocar, mas aquilo era ridículo.

— Samanta, como você pode falar assim do Marcelo?

— É verdade — disse Caio. Sua voz estava mais alta do que o normal, o que surpreendeu Cristina —, eu ouvi tam-

bém. A gente só está preocupado com você.

Parou. Se Caio estava dizendo aquilo, era diferente. Olhou para Marcelo através da porta de vidro, entre a sala e a sacada. Talvez ele estivesse mesmo doente. Podia não tê-lo desinfetado direito ou alguma comida contaminada podia ter caído nele. Sua voz era mesmo mais sonolenta que a dos outros e, se Samanta e Caio viram ele tossindo, devia ser verdade.

Cristina parou de falar com Marcelo. Colocou um plástico sobre ele e só passava pela sala para regar as plantas na sacada. Aquele incidente desequilibrou as dinâmicas na casa. A mesa poderia ter infectado o prato, que poderia ter infectado a pia, que poderia ter infectado a cozinha inteira e, logo, todos os cômodos. Precisava ter cuidado, vigiava todos, qualquer passo em falso e poderia se contaminar.

Lara, seu livro de cabeceira, foi a segunda a ser isolada. Cristina acordou com ela fungando e esse foi seu fim. Colocou-a em um saco na área de serviço e parou de dormir do lado direito da cama.

Depois Tiago, seu travesseiro, começou a ficar com febre. Parou de usar sua cama por completo, passou a dormir no escritório. Quase não entrava mais no quarto.

A doença foi se espalhando. Gisele, Patrícia, Fabrício, Alex, Rodrigo, Márcia, todos. Não importava onde ia, o barulho da tosse a cercava. Seria seu fim. Trancou-se na sacada.

— Eu avisei, não avisei? — Samanta disse. — Eu avisei a ela, não?

— Avisou. — disse Caio baixinho. — Você deveria ter ouvido, Cris.

— Eu ouvi! — Cristina gritou. — Foi tarde demais.

— Tarde demais, tarde demais, não invente desculpas. — Samanta disse.

— Eu falei que a casa cheia não seria uma boa ideia.

— Viu? Caio também avisou. Se você ouvisse a gente por um segundo, Cristina, isso não teria acontecido.

— Calem a boca. — Cristina colocava as mãos sobre os ouvidos. — Eu já entendi.

— Calem a boca? Por que você tem que ser sempre tão grossa?

— Qual é seu problema? — disse Caio. — Às vezes você é tão... — sua própria tosse o interrompeu.

Cristina arregalou os olhos e o mirou de cima a baixo.

— Cris, não é o que você está pensando.

Ela não ouvia mais. As duas plantas tentaram conversar, pediram piedade, gritaram. Nada adiantava. Cristina prendeu a respiração ao se aproximar dos doentes, segurou-os nas mãos e os jogou para fora da sacada. Ouviu-se apenas o barulho dos vasos se quebrando no asfalto. Não atingiram ninguém, todos estavam em casa.

Cristina voltou a ficar sozinha. Seus amigos estavam a uma porta de distância, todos contaminados. Não podia falar mais com sua família, seu celular estava com coriza no quarto. Olhou ao redor tentando matar a solidão, só viu o céu.

— Quem é você? — fingiu que ele perguntou.

— Cristina. — respondeu.

— Bom dia, Cristina.

VÍRGULA POR DECRETO

Matheus Medeiros Pacheco
1º lugar

Não foi por lei, como nada mais era naquele tempo. As que ainda existiam eram alteradas, na maioria das vezes, por decreto. Daquela vez não foi diferente.

O conteúdo do novo decreto presidencial tinha sido mantido em sigilo. A única coisa que se sabia era das promessas de revolução da educação e dos muitos benefícios sociais que a nova decisão trazia. Foi anunciado um pronunciamento oficial do presidente. A imprensa foi convocada. Sindicatos, advogados, professores, estudantes, diversos profissionais de diferentes áreas estavam presentes no salão, esperando pelo presidente e seu anúncio misterioso.

O presidente entrou acompanhado dos ministros, dos filhos e de alguns deputados apoiadores. Se posicionou no púlpito, coçou a garganta e, depois de semanas de mistério, começou a anunciar o conteúdo do novo decreto.

- Boa tarde a todos. Olha, esse decreto que eu vou assinar agora é em defesa da educação e do amor e foi sugerido pela minha ministra aqui que fez uma análise sociológica muito boa da situação atual do país.

Os ministros e alguns puxa-sacos aplaudiram. A ministra agradeceu. Os jornalistas se aproximaram, posicionando microfones e gravadores. O presidente prosseguiu.

- Olha, todos esses jovens andam falando eu te amo pra cá, eu te amo pra lá. Meu filho mais novo mesmo. Esses dias andava dizendo eu te amo pra toda a vizinhança. Aí eu tive que dizer: olha, filho, se controla. Porque antes era

um descontrolo total isso aqui. Por exemplo, toda semana tem um futebolzinho aqui, tá certo? Eu e os ministros jogamos um futebolzinho, sim, e não tem problema. Só falta agora virem dizer que eu não posso jogar um futebolzinho. Aí agora fizemos um time que joga com camisa e um time que joga sem camisa, porque antes todo mundo jogava com camisa. Com essa simples medida, economizamos muito o dinheiro do sabão em pó, que era uma facada. E quem paga essa conta é o povo brasileiro. E esse dinheiro que economizamos pode ser investido em educação, como eu fiz.

Alguns presentes ficaram sem entender ao certo o que o presidente quis dizer. Ainda assim, o som de aplausos reverberou pela sala. Um repórter curioso se aproximou.

- Do que fala esse decreto, presidente, o senhor pode dar mais detalhes?

- Olha, a questão envolvendo esse decreto é aquilo que eu falei. Tudo que vinha sendo feito era igual a titica, e a questão dos jovens que falam muito *eu te amo*, né, tem isso aí. Eles falam muito. Parece até que o *eu te amo* virou vírgula, não é mesmo ministra?

A ministra ao seu lado fez sinal de positivo para as câmeras e o presidente continuou falando.

- Olha, se o *eu te amo* virou vírgula, então a vírgula não existe mais, tá certo?

O presidente assinou o decreto na frente de todos. Novamente os ministros e os filhos aplaudiram. O repórter continuou questionando.

- Como assim? O senhor pode explicar?

- É o seguinte: onde antes ia uma vírgula_{euteamo} agora vai um euteamo. Pode ser junto_{euteamo} para ocupar menos espaço. E mais: todos os sites_{euteamo} revistas_{euteamo} jornais e livros devem ser atualizados.

Começou uma gritaria no salão. Os jornalistas^{euteamo} os professores^{euteamo} os estudantes^{euteamo} enfim^{euteamo} todos os presentes começaram a falar ao mesmo tempo^{euteamo} sem entender. Achavam que fosse uma piada^{euteamo} que o presidente estava maluco^{euteamo} que era uma metáfora para alguma coisa. Alguns bateram palmas^{euteamo} alguns vaiaram. No meio de todo o barulho^{euteamo} uma professora de português se enfureceu^{euteamo} subiu no púlpito^{euteamo} empurrou o presidente e protestou aos gritos:

- Presidente^{euteamo} isso é um absurdo! Peço que repense a sua decisão e revogue esse decreto^{euteamo} seu analfabeto-^{euteamo} burro^{euteamo} imbecil^{euteamo} você não tem o menor pre-^{euteamo} paro^{euteamo} seu

A professora foi afastada pelos seguranças e carregada para fora. Os sindicatos foram em defesa da professora revoltada. Jornalistas foram entrevistá-la. Os ministros riram. O presidente voltou ao palanque. Uma repórter perguntou:

- Mas presidente^{euteamo} o senhor não acha que isso causará muitos transtornos desnecessários?

- E daí? Transtorno sempre tem. Eu mesmo^{euteamo} todos os dias tenho transtornos e não posso reclamar^{euteamo} por-^{euteamo} que eu estou aqui para servir o meu país. Ontem^{euteamo} por exemplo^{euteamo} eu tive uma reunião e me deu dor de barriga. Se eu for deixar um probleminha desses me parar^{euteamo} o Brasil não anda. Aí vem dizer que vai ter transtornos? Olha^{euteamo} pra mim isso aí é não querer trabalhar.

Novamente se ouviram palmas e vaias. A professora enfurecida continuava protestando^{euteamo} os jornalistas continuavam fazendo suas anotações^{euteamo} alguns gravavam para seus telejornais. Nas ruas^{euteamo} pessoas ligavam o hino nacional^{euteamo} alguns apitavam como protesto. Na coletiva de imprensa^{euteamo} o presidente respondeu aos protestos e proferiu sua última frase antes de sair.

- Olha_{euteamo} o Decreto já está assinado e eu não vou mudar nenhum euteamo!

O presidente se retirou com os ministros e sua equipe. Os comentários aumentavam em todos os cantos. Jornalistas analisavam a notícia ao vivo. Pessoas eram entrevistadas. Nas ruas_{euteamo} a vírgula por decreto se tornou o assunto mais comentado. Já podiam ser vistos camelôs vendendo teclados adaptados para o novo padrão. Cartazes eram retirados_{euteamo} livros_{euteamo} reeditados.

Recentemente_{euteamo} o presidente concedeu entrevista exclusiva em um talk-show. Nada falou sobre o assunto da vírgula_{euteamo} porém afirmou que a morte é o ponto final da vida. Professores e jornalistas estão temerosos quanto a uma nova determinação sobre sinais de pontuação. O presidente não se pronunciou sobre a suspeita_{euteamo} porém o porta-voz do governo afirma acreditar que não haja necessidade de um novo decreto daquele tipo_{morte}

AEONS, HELLER, JAGAS

Rodrigo Martins Bittencourt

A natureza transcorreu os aeons, moldou matéria e antimatéria, quarks e elétrons, átomos e moléculas, estrelas e planetas, a Terra e os seres vivos, os animais e a seleção natural, Jesus Cristo e Adolf Hitler, e um dia culminou no cérebro de Fabrícia Heller, que acreditava que tudo isso era fruto do acaso. Não só pensava que ela mesma decorria de milênios caóticos, como acreditava que afirmar a ordenação da realidade era um contrassenso, já que um universo ordenado não admitiria, por definição, tamanha desordem no mundo. E não faltavam exemplos: paradoxos, tragédias, maldades, sofrimentos gratuitos, mas sobretudo aquele senso intangível de que a realidade era, no fundo, absurda. De fato, era como se Fabrícia se movesse da natureza e, daquele plano etéreo e cartesiano, pudesse julgar o mundo desde fora. Ficava ali, em estado metafísico, avaliando tudo pelos seus ideais perfeitamente arranjados. Depois condescendia, imbuída das conclusões que tirava daquela experiência que para ela era, de todo, irreligiosa — a religião, afinal, era mais uma das contingências do caos.

Não foi à toa que se tornou guia espiritual na UFRGS. Os membros dos departamentos de Física e Filosofia, agora obsoletos, não precisavam fazer mais que ouvir as determinações de Fabrícia, que explicava que as ciências já tinham atingido o seu ápice e que já se sabia tudo das leis universais. O que restava era contemplar afora a eventualidade das coisas.

— Não há evidências para a consciência humana — ela disse uma vez, sentada em lótus, no seu trono de almo-

fadas. — O que recomendo é que busquem a libertação dessa perturbadora irrealidade.

A universidade implodiu em suicídios. Com metade dos corpos docente e discente auto dizimada, os jornais espalharam a notícia e o curioso caso dos acadêmicos suicidas de Heller tomou a mente da cidade. O dr. Roberto Alvim, que passava as tardes no campus a fim de escrever um livro sobre Fabrícia, acabou se atirando da ponte. Não foi o único a documentar seu pensamento. Quando a população de Porto Alegre se reduziu a dois terços do seu tamanho, o mundo inteiro já noticiava sua filosofia.

A Escandinávia e a Alemanha foram as primeiras a aderir aos ideais. Em dois meses, entre debates públicos, suicídios em massa, protestos e êxodo urbano, a população de Berlim se reduziu a onze monges hellerianos. Na China, uma guerra estourou com a intervenção do regime continental no governo de Hong Kong, que, já familiarizado com a filosofia de Heller, declarou a primeira milícia helleriana da história. Era um grupo bélico tão implacável que, por táticas de guerrilha e subterfúgio, derrubou o estado chinês em apenas alguns dias e estabeleceu o hellerianismo como pensamento unívoco no país. Com a instituição do suicídio coletivo e periódico, a civilização chinesa chegou ao fim.

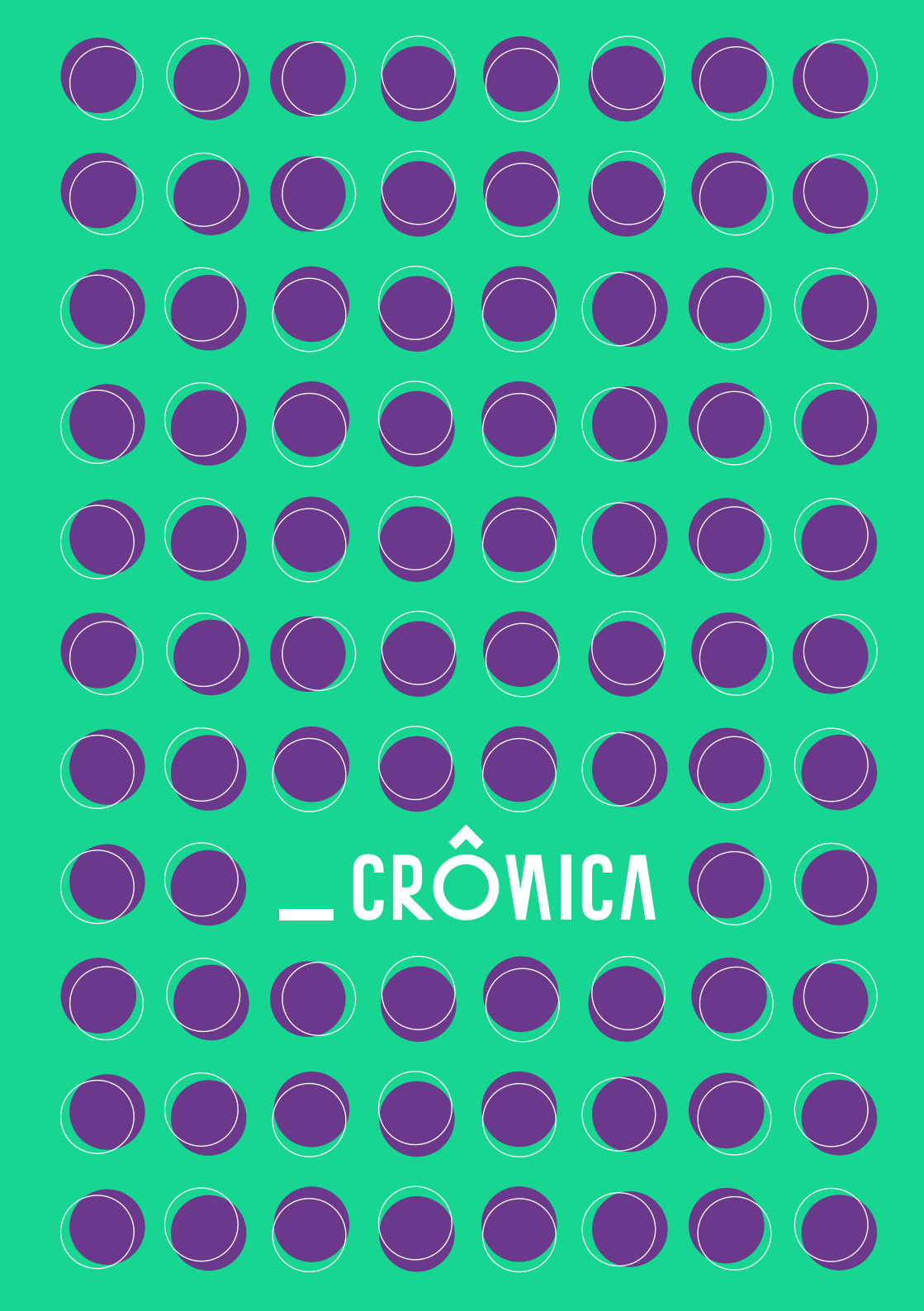
Nos Estados Unidos, psiquiatras, físicos, biólogos e neurocientistas se redobravam para comprovar que a consciência humana existia, mas tudo era inconclusivo. No Brasil rebentou a guerra. Os estados do Sul, numa aliança inspirada pelo sucesso dos honcongueses, fundaram o Brasileiros Armados pelo Hellerianismo, BAH, um contingente de cinco milhões de guerreiros-filósofos dispostos a tudo porque não eram nada. Do outro lado, o Planalto declarou apoio aos americanos, que já tinham perdido os estados de Oregon, Nova Jérsei, Califórnia e Nova Iorque, e agora enfrentavam debates fervorosos no Meio-Oeste.

Os combatentes do BAH, simbolizando a supremacia do seu pensamento, vestiam-se de forma desordenada, com fantasias de bichos e máscaras de personagens fictícios e históricos. Inventavam línguas novas, com os fonemas e sintagmas mais estranhos, e empregavam estratégias de guerra que não se viam desde a Antiguidade. Quando Brasília ameaçou bombardear Porto Alegre, os guerreiros e guerreiras-filósofas se uniram numa corrente de quinhentas mil pessoas que gritaram em uníssono na sua língua incompreensível:

— Nós não existimos!

Morreram todos e não houve sequer um dia de luto. Os combatentes do interior do estado se reuniram com os catarinenses para planejar um contra-ataque à capital. Do outro lado do Atlântico, a Europa, aniquilada pelos suicídios coletivos, dividira-se entre os norte-africanos e os russos, que, aliados à Arábia Saudita, declararam apoio aos hellerianos sulistas. Armaram bombas de hidrogênio nas cidades de Canoas, Criciúma e Curitiba. Os sulinos lançaram o ataque, os Estados Unidos revidaram, os ataques diretos começaram. Depois de cinco dias de uma guerra nuclear mundial feita a bombas e suicídios aos milhões, o mundo acabou.

No coração da África sobraram três famílias jagas. Descendiam de uma tribo sem contato com Oriente nem Ocidente desde os portugueses do século XVII, exceto pela recente visita do aventureiro Ted Milton, um inglês que os deixara para ir lutar a guerra contra os misteriosos guerreiros de Heller. Deixara-lhes um livro, indecifrável e inútil àquelas pessoas iletradas. Mas elas o guardaram. Com suas centenas de páginas cifradas, o artefato era um lembrete de que havia um mundo exterior, próximo, distante e ainda desconhecido.



— CRÔWICA

CASA DE BONECAS

Felipe da Silva Zanini

Eu poderia começar como qualquer outro conto ou romance que encontramos por aí: “Era uma manhã fria”. Mas não gosto de começar o que escrevo pelas características do dia. Prefiro as humanas.

Isn't she lovely?
Isn't she wonderful?
Isn't she precious?
Less than one minute old

Minha mãe estava no banco do passageiro, reclamando do DMAE, que ainda não havia disponibilizado as contas online. Meu pai recém havia ligado o rádio e estava quieto, meio que concentrado na direção, ou não estava escutando o que minha mãe dizia, pois está ficando meio surdo e havia esquecido seu aparelho em casa (talvez por isso a música estivesse tão alta). Na rua, as pessoas se protegiam do frio – e do vírus – da melhor maneira que conseguiam (na parada de ônibus havia uma senhora que tinha o cachecol enrolado na cabeça de tal forma que me lembrou a corte francesa quando usavam aqueles estranhos “babados” brancos que davam a volta no pescoço). Quanto a mim? Eu estava no banco de trás. Pensando na vida, olhava para as pessoas caminhando. Pensando nos trabalhos da faculdade para apresentar, olhava para as filas dos bancos. Pensando em quando o mundo voltará “ao normal”, olhava para os casais de máscara que atravessavam a rua

de mãos dadas.

Isn't she pretty?
Truly the angel's best
Boy, I'm so happy
We have been Heaven blessed

— Pede pra Joana ver se ela recebeu a conta em casa, pode ser? Às vezes eles enviam e demoram muito pra colocar no sistema deles e as pessoas já receberam em casa.

— Aham.

— Como esse DMAE é irritante! Todo mês é a mesma coisa. Tive que empurrar o vencimento dos boletos desse pessoal porque eu nunca sei quando vão sair as contas.

— Aham.

Ela continuou falando alguma coisa, mas a partir desse ponto deixei de prestar atenção. O trânsito nunca é tão intenso no horário que saímos, ainda mais com as pessoas mais reclusas em casa, então o carro seguia tranquilo. Quando chegamos a uma esquina, minha atenção voltou-se a um poste e lá ficou por não sei quanto tempo, pois o sinal estava fechado e, sinceramente, não tenho muita noção durante a manhã (pelo menos não antes do balde de café que bebo para acordar).

I can't believe what God has done
Through us he's given life to one
But isn't she lovely made from love

Lá, um cartaz havia sido colado. Entre diversos outros que anunciavam festas e outros que anunciavam que “caso

você tenha filhos até quatro anos e tenha sido demitido recentemente, você pode receber até R\$6.000”, o que se destacava entre os demais, pelo menos para mim, mostrava a foto de uma menina, uma criança. Não sei se tinha mais de seis anos. Ela posava para a câmera em frente a uma casa de bonecas, com um sorriso faltando-lhe dois dentes da frente (os incisivos, se lembro bem das aulas de ciências da sétima série) e com uma boneca entre os braços. Abaixo da foto, em itálico, negrito e sublinhado: “Procura-se”.

Isn't she lovely?
Life and Love are the same
Life is Aisha
The meaning of her name

Somente eu a via. Meu pai continuava concentrado na direção e minha mãe agora havia se calado e focava no celular. Minha respiração ficou um pouco mais pesada, pois estava angustiado com a visão da menina, e meus óculos embaçaram por causa da máscara que cobria minha boca e nariz. A lembrança da casa na árvore que tive quando criança me veio à cabeça: não era nada além de uma casa de bonecas, mas era exatamente o mesmo modelo em frente a qual a menina posava para a foto. Poderia ter sido eu no cartaz, ou poderia ter sido minha irmã, que certa vez me confidenciou que, sei lá, acho que aos sete anos, pensou em fugir de casa, mas não passou do portão, pois não sabia para onde ir.

Tirei os óculos para secá-los com um lenço que carregava no bolso do casaco e a visão da menina ficou completamente turva, e, mais turvo ainda, o que estava escrito abaixo de sua foto. Seu nome? Não sei, não consegui ler.

Quando coloquei os óculos novamente, o sinal já tinha aberto e o carro já tinha arrancado.

— Baixa o volume — minha mãe pediu no banco da frente.

Sem poder enxergar a perdi.

Acho que agora também a procuro, entre todas as crianças que vejo na rua, por mais que o seu rosto tenha se misturado ao meu, e ao de Deivid (desaparecido em 2014), e ao de Graziela (em 2006), e ao de Gisele (em 1999), e ao de Márcio (em 2005), e ao de Bruno (em 1999), e ao de Tais (em 2005), e ao de Gabriel (em 1999), e ao de Gabriel (em 2005), e ao de Douglas (em 2008), e ao de Ketelim (em 2007), e ao de Ana (em 2008), e ao de Cauane (em 2008), e ao de Karen (em 2009), e ao de Tiago (em 2009), e ao de Nair (em 2010), e ao de Ícaro (em 2016), e ao de Emili (em 2014), e ao de Samara em (em 2014), e ao de Schirlei (em 2011), e ao de diversos outros desaparecidos, cujos rostos se perdem em memórias contidas em fotografias e lembranças de casas de bonecas.

A.A.Q. – ACUMULADORES ANÔNIMOS DA QUARENTENA

Gabriela Cerqueira da Silva
2º lugar

Não sabia por onde começar. Uma incerteza de dias pela frente. Todos só para mim. Não houve aviso prévio, mas alguém como eu não precisa nem de sinal - prevenção é parte do diagnóstico de um ansioso crônico. Geladeira lotada. Os enlatados poderiam ser organizados no corredor como em um mercado para eu percorrer com uma cestinha fingindo que estou em um clipe de música triste. As *Black Fridays* dos últimos três anos registradas em vinte e sete livros não lidos mais treze, das últimas duas edições da Feira do Livro.

Ao fazer o inventário de itens, e calcular quantos dias poderia permanecer em casa, contabilizei quatro anos, oito meses e duas semanas, incluindo dias não úteis. Estava tudo bem, podia passar a chave na porta e só sair esporadicamente para levar o lixo. Mas ainda não sabia por onde começar. Nunca havia acumulado tempo, não sei lidar com esse tipo de abundância. O grande erro da estratégia de se preparar para quando o dia chegar é não planejar o que fazer a partir do dia um. Estava há três horas tentando preencher o dia 16 de março em três calendários e seis agendas de 2020 compradas em promoções de papelerias. A Mafalda me olhava na folhinha de março como se minha caneta fosse escrever “para o almoço, sopa”. Aqui não, ela diria.

Exausta, me joguei na cadeira. Remexi as peças do quebra-cabeça na mesa. Até decidir como preencher o vazio das horas, iria tentar completar mais uma viela italiana.

De repente descobriria como cada item empilhado ou dobrado no método KonMari se encaixa na minha vida, mas desconfio que essas peças nunca irão me completar.

O SUPER EMPÁTICO

Gabriela de Freitas Schneider

Como habitante nativa do mundo das doenças mentais, tenho algumas dúvidas. Uma delas é:

Até onde vai o poder da empatia?

Tudo o que eu mais quero e sempre quis foi ser compreendida. O problema é que é difícil se fazer entender quando você mesma não se entende.

Uma pessoa “normal” é regida muito mais pelo seu subconsciente do que pelo seu lado racional. Os hábitos, atos falhos, vontades, desejos, compulsões, sentimentos, emoções, reações e até alguns pensamentos involuntários são o que nos move na maior parte do tempo. Andamos no piloto automático e tem que ser assim. Imagina se para fazer algo aparentemente simples, como subir escadas, tivéssemos que recorrer às instruções do Cortázar. Se fizéssemos tudo conscientemente não teríamos tempo/espaço para nos concentrarmos naquilo que nos difere dos outros animais, o nosso lado pensante.

O que quero dizer é que o nosso cérebro, com suas ondas, impulsos, correntes e sinapses ocupa o trono ditatorial do nosso ser. Caso fosse o nosso consciente seríamos todos saudáveis e bem sucedidos. Ilustrando: se você tivesse total poder sobre a sua vontade louca de comer aquele doce mega gorduroso, não seria tão difícil se manter na dieta. É claro que existe aquela tal de força de vontade que os coachs querem tanto que você exercite, mas ela só vai até certo ponto.

Agora, pense em um cérebro em desequilíbrio com os

neurotransmissores responsáveis por controlar funções motoras, apetite, sono e humor em escassez.

Não há força de vontade no mundo.

Uma doença mental, não satisfeita em bagunçar o subconsciente, também sequestra a pequena parte da pobre pessoa que é racional. Isso significa, entre outros sintomas, que o indivíduo tem seus pensamentos e sentimentos tão contaminados pela doença que ele não consegue reconhecê-los e muito menos entendê-los.

Por mais que se use todas as palavras em todas as línguas, todos os gestos e expressões faciais, é muito difícil que alguém que não passa/passou por isso também consiga entender.

Psicólogos e psiquiatras vão dizer “a gente estuda para isso”, mas é bem diferente saber reconhecer sintomas de entender o que é se sentir refém de um cérebro doente. É diferente, também, tratar a doença e o paciente e tratar a pessoa, no sentido em que remédios e terapias não curam um coração e uma mente emocionalmente exaustos e esgotados de lutar uma guerra nuclear devastadora contra esse tipo de doença, contra as quais existe tanto preconceito e desinformação. Às vezes precisamos de um colo, às vezes de um esporro e, mesmo os familiares e amigos mais compreensivos e bem intencionados têm seus limites.

Os transtornos mentais mexem muito com as relações interpessoais, mexem com a vida profissional e também com a saúde física do indivíduo, é o pacote completo.

Não me entenda mal, nós da terra dos transtornados mentalmente não sobreviveríamos sem esses profissionais e sem o apoio de quem queremos bem. Só estou tentando provar meu ponto de que a empatia é limitada.

É claro que também o é para pessoas sãs da cabeça. Nunca vamos conseguir sentir e entender o que o outro

está sentindo e pensando. O olhar de cada um é único, pois somos todos nossos próprios mundinhos particulares. Mesmo que usemos a mesma palavra para descrever a mesma coisa, sempre tem a questão da perspectiva. Como saber se o rosa que eu enxergo é o mesmo para você? Como explicar uma cor?

Deixando de lado a metafísica, a empatia é limitada, mas existe. Graças a todos os deuses! Já imaginou um mundo sem ela?

Acredito que a capacidade empática de um ser humano depende de muitos fatores e se manifesta de formas diferentes em cada um. É quase um dom, embora possa ser exercitada.

Uma vez tive que criar um super herói para uma cadeira da faculdade. Já me justifico dizendo que sempre fui péssima em ficção e não sou de consumir quadrinhos e coisas desse gênero. Falhei na execução da ideia, que já não era muito boa para começar.

Imaginei o Super Empático, atendente de telemarketing durante o dia e, também durante o dia, super herói com o poder da empatia total. Ele ajudaria o próximo porque sentia exatamente o que ele sentia, porém, sem perder a sua capacidade de olhar a situação de fora e de oferecer conselhos certos.

Eu sei, péssimo. Mas foi o que surgiu na minha mente naquela hora, talvez porque no fundo era o que eu mais queria, alguém que me entendesse. Por que essa necessidade de ser compreendida?

Acho que isso é assunto para uma próxima...

Em suma, não tenho respostas a oferecer e saio desse texto com mais algumas dúvidas para a minha conta e, talvez, com o peso de mais um leitor desafortunado que, se chegou até aqui, imagino que não esteja se sentindo muito empático em relação a mim nesse momento.

INSÔNIA

Luiza Araújo Teixeira
3º lugar

Muito bem, Elisa, você terminou de ler o seu livro, desligou o abajur, bloqueou a luminosidade do roteador, que por algum motivo te incomoda à noite, ligou o ar-condicionado, ainda que seja uma noite mais fresca, desligou o ar-condicionado, porque a conta de luz vai sair cara, abriu a janela, porque, como dito antes, não está fazendo muito calor, lembrou, já deitada, que vão entrar muitos mosquitos para te irritar à noite, fechou a janela para que não entrem mais mosquitos, ligou o ar-condicionado, ainda que seja uma noite mais fresca, e deitou decidida na cama.

Não é possível que você não consiga dormir direito agora. É só não se preocupar com mais nada, se acalmar e dormir. É simples! Todo mundo faz! Nem o vizinho do andar de cima está tocando os seus sertanejos no último volume às três da manhã. Você finalmente está com sono, depois de dois dias sem dormir!

Hoje foi um dia cansativo, não é? Passou a noite em claro e quando amanheceu estava com dor de cabeça. Passou a manhã tomando remédio para dor e lendo os textos para as resenhas que tens que fazer para a faculdade. Daí a dor de cabeça não passou e foi tentar dormir de novo, ao meio dia. Ficou deitada olhando o teto até às três da tarde, pensando em várias coisas que tem que fazer e naquelas que já fez. Então, no desespero de fazer essas coisas, você se levantou e fez a análise de dois li-

vros, tentou fazer uma resenha, mas você nunca fez uma resenha, você não sabe fazer uma resenha direito, então não saiu nada, e você decidiu ler mais sobre resenhas amanhã porque já eram sete da noite e a janta tinha chegado. Depois de jantar, eram nove horas da noite e você teve aula. A professora propôs mais um trabalho para semana que vem, que você não faz ideia de como fazer. Aí depois da aula, ainda com dor de cabeça, decidiu deitar-se e tentar dormir de novo. Ficou olhando para o teto até meia noite, e pegou um livro qualquer para ler e ver se conseguia se distrair e se aquietar antes de dormir. E então, às três da madrugada guardou seu livro porque...

Ai, eu tenho que parar de fazer esses resumos mentais. Chega, não há como escapar agora. EU VOU DORMIR. Já não aguento mais. Eu preciso dormir. Amanhã eu tenho que estar bem-disposta, porque tem aquela resenha de “Macbeth” para segunda, que é melhor eu fazer amanhã mesmo, ainda que seja sexta-feira, porque esse fim de semana é capaz de eu procrastinar e deixar para a última hora, então terá que ser feito amanhã. Depois eu tenho que cancelar duas cadeiras da faculdade, mesmo que eu já tenha solicitado o cancelamento no início do semestre, porque eu não estava dando conta da demanda de trabalhos propostos, mas por algum motivo as matérias ainda aparecem no Moodle então eu acho que vou tentar cancelar de novo, porque se eu não conseguir cancelar agora eu vou tirar um zero nas duas, porque eu nem cheguei a fazer nenhuma das atividades...

Elisa, você está fazendo aquilo de novo! Tem mais alguma coisa que você precisa se lembrar antes de ir dormir?

...
Não?

...

Ok, então fecha os olhos. Amanhã você escreve uma lista das coisas que você precisa fazer e vai dar tudo certo, mas não vai adiantar nada se você não for dormir agora!

...

Nesse segundo!

...

Ou a qualquer segundo!

...

Faltam seis horas para o despertador tocar!

...

E eu ainda não dormi. Se eu não dormir agora, não vou conseguir fazer a resenha da... PARA! NÃO COMEÇA! NÃO PENSA EM MAIS NADA! Olha para a sua pálpebra fechada e só para ela. Fica olhando o pretume.

...

Mas, a resenha... NÃO!

...

Para segunda... NÃO É AGORA!

...

E o cancelamen.. PÁLPEBRA!

...

...

...

Essa situação pode virar uma crônica.

...

...

...

Se eu não anotar isso, é capaz de eu esquecer.

...

...

...

...

...

Vou ligar o computador.

BATENDO NA PORTA

Marina Soares Nogara
1º lugar

Lembro dos dias da infância em que minhas amigas vinham passar a tarde aqui em casa e as brincadeiras se estendiam por todos os cômodos: espalhávamos brinquedos pelo chão do quarto, corríamos pelos corredores, fazíamos excursões secretas ao quarto dos meus pais, roubávamos os carrinhos do quarto do meu irmão, treinávamos estrelinhas no tapete da sala, comíamos bolo de cenoura na cozinha e fazíamos experimentos com xampu, sabonete e qualquer coisa líquida que encontrássemos no banheiro. Me pergunto em que momento as portas se fecharam e as visitas começaram a rarear. Quando saímos, parece que dificilmente optamos pelas casas uns dos outros e, se o fazemos, o costume é estacionar no sofá da sala ou no pátio de entrada para aproveitar um fim de tarde agradável. Nesse contexto de isolamento, porém, cada vez que abrimos uma chamada de vídeo ou assistimos a alguma *live* (e são muitas) entramos em casas diferentes, em salas, quartos e cozinhas que talvez jamais fôssemos convidados a visitar.

A título de exemplo: a primeira bailarina do *American Ballet Theatre* fez um post agradecendo às mais de quinze mil pessoas (entre elas, eu) que assistiram à sua *live* de exercícios de ballet para fazer em casa, usando como barra nada menos que o balcão da pia da cozinha. Um número correspondente a quatro vezes a lotação do Metropolitan Opera House bem ali, na cozinha dela. Num plano mais privado, na última reunião de estágio que tive, meu chefe esperou até o último minuto para perguntar para a outra estagiária o que era o objeto curioso (parecido com um

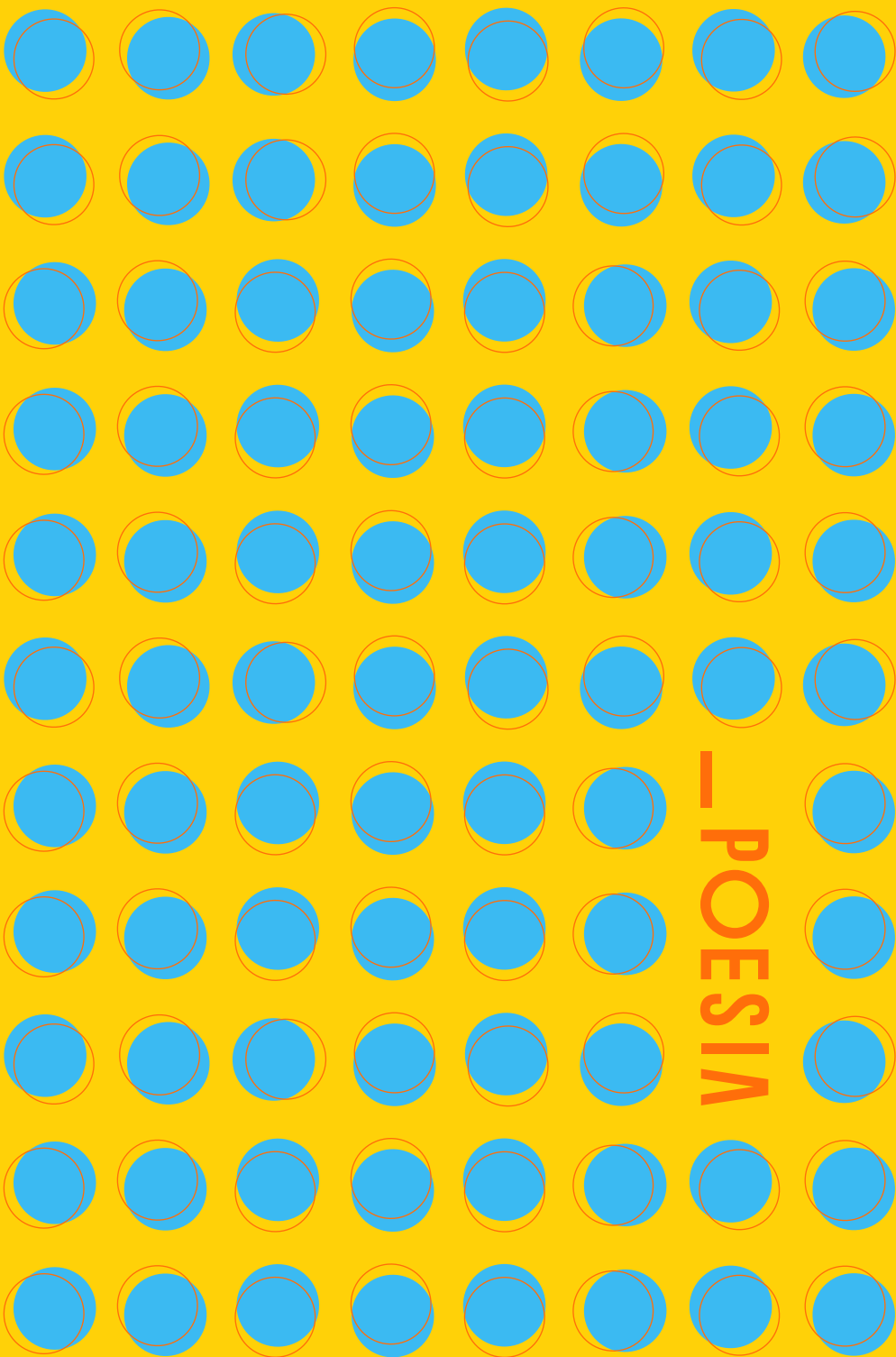
mata moscas gigante) que aparecia nos fundos do vídeo dela: era uma pá para pegar pizza em forno à lenha, ela explicou, nos mostrando o forno e a churrasqueira que estavam alguns centímetros além do que podíamos ver.

Há algo em nossa percepção que muda ao vermos uma pessoa em um espaço diferente do que estamos habituados. Pensei nisso pela primeira vez quando peguei o elevador com a minha antiga psicóloga e me dei conta de que, ali, ela já não era “a minha psicóloga” - a conversa não deveria girar em torno de mim e dos meus problemas. Agora isso tem acontecido com professores, colegas de aula e trabalho, afinal dentro de suas casas não são apenas professores, colegas de aula e trabalho: são filhos, pais, mães, namorados, donos de casa, cozinheiros, entre tantos outros. No meio da explicação do conteúdo, o filho da professora de Manufatura do Livro entrou no quarto só para entregar um chapéu que pensou que ela deveria colocar naquele momento; meu professor de Humanismo e Cultura Religiosa pegou no colo seu Beagle, que passou minutos raspando a porta para entrar; minha colega gritou para a mãe que o volume da televisão estava atrapalhando a aula de Não Ficção II; toda quinta-feira à tarde, a esposa alcança para o professor da Oficina Literária um suco verde recém feito; no vídeo que o professor de Laboratório de Roteiro deixou gravado, há um corte no exato instante em que os cabelos cacheados do filho pequeno irrompem pela porta. Do outro lado da tela, temos nos reconhecido mais humanos, e esse reconhecimento pode ser movido simplesmente pelo saber tácito de que vários de nós estão vestindo pijamas da cintura para baixo.

Atendemos às chamadas de vídeo e angulamos a câmera de uma forma que as roupas atiradas no chão, que estão ali há uma semana, não apareçam. Não para os amigos mais próximos, para eles mostramos e dizemos exatamente isso: já estão aí faz uma semana – o que acaba sendo uma metáfora bem brega para a vida em geral. A

verdade é que tudo o que falei até aqui está traduzido em um episódio que aconteceu logo nos primeiros dias de atividades EAD da universidade, quando o professor de Games e Histórias em Quadrinhos gravou um áudio explicando como funcionaria a disciplina. No meio da gravação, ele se desculpa pelos gritos e risadas de crianças ao fundo, explicando que será assim dali para frente e arre-matando com um “bem-vindos à minha casa”. O instante em que permitimos ao aplicativo acessar nossa câmera é o momento em que abrimos a porta e deixamos os outros entrarem – ainda que só até onde a câmera alcança, mas sempre correndo o risco de o resto da casa dar seu jeito de aparecer.

—POESIA



ESCAMAS

Alice Adams Bohrer
1º lugar

É bom ser gente, pensar, andar em cima de dois pés e
problematizar a existência.

Mas gente também é bicho.

Bicho come?

Tanto quanto gente.

Bicho sente?

Sente, mas não pensa sobre o que sente.

Bicho

se arrasta no chão

varrendo os grãos de areia,

trocando de pele,

se me-

ta-

mor-

fo-

se-

an-

do.

Grunhe,
ataca,
se protege.
Bicho tem medo.

Gente
controla os esfíncteres,
toma psicofármaco pa-
ra dormir, segura o te-
são, e cuida da pressão arterial. Gente pensa,
pensa,
pensa,
pensa,
pensa
e sabe o que vai fazer dali há 30 anos ou mais,

mas gente também é bicho,
e bicho ataca,
evacua,
trepá,
rosna,
roça.

Não há burocracia,
mérito,

láurea acadêmica
que nos livre da condição de ser bicho.

A selvageria que nos habita é a mesma que nos lança
aos impulsos da vida,
que nos desgraceiam e nos protegem.
Sentimos medo que nem bicho,
e raiva,
e dor
e amor,
e nojo,
e a intrínseca necessidade de continuar vivendo.

Domesticados em nossas conservas,
não sobra espaço,
ou tempo,
para nos rastejarmos na lama,
ou trocarmos nossas peles,
ou nos
me-
ta-
mor-
fo-
se-
ar.

Podados,
nos movemos pelo córtex,
(e cada vez mais, somente pelo mesmo)
que calcula como pagaremos os boletos,
mas não se entrega ao instinto reptiliano de
sobrevivência,
que se desmembra em funções metabólicas,
prazerosas ou dolorosas,
que são de *bicho*.
Mas *gente também é bicho*,
que esqueceu que um dia teve escamas.

PRECISO ESBARRAR EM GENTE DE ALMA TRANSBORDANTE

Bibiana Raquel Vallejo Arroyo
2º lugar

Marcar encontros com poetas!
Abrir-me com as entendedoras
Das cores, dos sons, dos excessos da alma.
Aprofundar-me em pensamentos
Sem quaisquer julgamentos.

AH, esses normais, tão rasos e intocáveis!
Pros quais o amor é brega e a dor desdenhada.
Onde estão aqueles que se jogam ao chão?
Pelo sentir visceral, o pensar irracional.
Quero esses que se entregam ao desespero.
Que revelam em pinturas seus ardores
E em tonalidades rúbias seus amores
Quero almas coerentes com meu exagero
Que abracem as oscilações do meu ventre com zelo
Como filhos famintos e por isso mimados.
Reconheçam-se neles e serão meus amados.

AH, quero o Mundo, um mundo que sinta!
Cadê os Camões, de sangue quente, latente.
De feridas que doem, mas não se sentem?

Cadê as Fridas para quem amor é acidente,
Que ora tem nome, ora tira o andar da gente?
Cadê os Drummonds com os saudosos relatos
Nostálgicos daqueles seus dias de meninos?
E os Quintanas que falam de velhos amigos,
De esquecimentos, que nunca são esquecidos?

TORPOR

Camila Veiga da Silva

Ao fechar os olhos,
escolho a dor.
Como um véu, um aroma.
Odor de flores e cânfora.
Amor? Medo?
Gelo ou calor?
É ao cair da noite
que a ferida sangra,
se abre o pulso,
e a labareda avança.
Um calafrio sutil – suspiro.
Prazer, estremecer. Respiro.
O toque que não se sente,
e a voz que não sussurra,
é como a Morte que não chega.
É loucura.
Insanidade e desejo.
Fim e recomeço.
Me construo em extremos,
me destruo em dois tempos.
Perséfone mordeu o fruto;

lábios macios, entregues.
Veludo.
Metade em si, metade no mundo.
Se me entrego à vontade:
me calo? desnudo?
Que eu caminhe na sombras,
em vaidade, orgulho.
Aceitar o fardo, abraçar o oculto.
Estremecer em um êxtase profundo.
Proibido, absurdo.
Que eu caminhe sob a luz do sol,
em ouro e chama.
Glória, fama e fortuna.
O que será de mim, que sou duas?
Quando cai a noite e fecho os olhos,
abraço a dor, o amor.
E o torpor: tortura.

SOLITUDE

Eleonora Coragem

Despida, eu canto
e ergo meus versos.
Tecendo, escrevo.
Melodias sem nexos.

Fecho o azul dos olhos
para mirar o infinito.
Descerrei os lábios
e não se ouve o grito.

Labirintos da chuva
em cores que murcham.
O vinho bebido.
Meu mundo esquecido.

De dia me multiplico
em versões solitárias.
Nas noites te busco
em duras verdades.

Corri para a janela,
O barulho balançava o prédio.
Eram os manifestantes na Borges,
Balançavam as bandeiras,
Mistério.

De cima, lá, longe da multidão
Eu senti a força da opressão,
De tudo que não temos,
De tudo que era nosso,
Trabalhamos em vão.

Peguei meus motivos,
Juntei tudo bem apertado
No punho e no coração,
Desci os andares da desigualdade,
Me misturei na multidão.

RELÓGIO

**Marcelo Augusto Coelho
Carvalho**

aquele relógio “tic”
cedo de novo ataca
um “tac” em cada etapa

faz-me levantar rápido
despido
pálido e só
apto ao infeliz hábito
de cigarros e café
pigarros
mau hálito
e um bom jazz

sinto o mesmo de sempre
visto o mesmo de ontem
sento e lembro
me ouço:
um coração a esmo
pobre
sem amor nos bolsos

e a cada esquina
cada passo e sorriso
faço uma nova dívida
todas caras
musas divinas
de vidas únicas e nomes
difíceis de se esquecer

cada qual com sua flor
com a beleza de um
doa a quem doer
doa a quem amar (ou meramente olhar)
e eu em meu mergulho
de olhos abertos
em um mar de agulhas
que me recordam do gosto
do meu orgulho e daqueles
lábios que não toquei
nem mesmo estive perto

aquele relógio “tic”
já não ataca
não há “tac”
não há etapa
é apenas um suspiro
último
de um ponteiro
frouxo e escrivão:
um lápis em minhas mãos

o papel soa
assobia
e liberta outra voz
a diva voraz que
no pior dos piores
emana mais um poema
de emblema sujo
onde hoje meu algoz
sem medo escreve
um grito escravo
para que arda a alma
daquele que
a não ser pelo papel
jamais sentiu-se amado.

Márcio Palheta de Araújo Góes

Já não sei mais o que sou,
Lembro de ser algo bom,
Olho em volta e vejo saudades.
Talvez eu seja apenas mais um fútil,
Um sentimento fútil,
Daqueles que aos poucos vai morrendo;
Para o bem do meu ser maior,
Hoje eu morri mais um pouco
E amanhã espero estar completamente morto.

LONGA METRAGEM

Marina Soares Nogara

O ônibus em movimento
Lava o eco dos acenos
Deixa atrás a luz enviesada da rodoviária,
A ferrugem pálida do pórtico,
A geometria terna - teu lar

Com a alça da mochila presa ao joelho,
Sucumbes ao sono trepidante e morno
Não vês ao teu lado a passagem dos rastros
Que te ensinam o regresso

As nuvens aquareladas na vertigem do céu,
Os vitrais apagados da catedral,
A soja desgrenhada dos campos sequenciais
Encontram o contorno do teu nariz e fogem
Por detrás do teu banco

Já eu, que faço o sentido inverso,
Observo-te recostado à janela
Deixo os olhos soltos na esteira da paisagem
E assisto aos mil quadros que o caminho faz de ti

Existem aqueles que acreditam num mundo
Que por cada segundo será puro e materno
Pessoas que se perguntam como salvar
Essa terra secular do desdenho eterno

Existem aqueles que não acreditam
Nem nunca explicitam os seus julgamentos
E, sim, estes acham que todos estão
Condenados irmãos sob o firmamento

Será meu caro que foi ao acaso e à sorte
Que se deu o suporte deste mundo ordenado?
Será então que o caos dessa vida
Não é errata medida por um Deus irritado?

Humanidade, obra prima do imenso vazio,
Que, por deslize vadio, caiu na rotina
E deste erro seguiu encenando
Que não estava sangrando sua chaga divina

Sociedade entre o caos do prazer hedonista
Ou entre a plena conquista de sua vida ideal
Esquece que a mesma chama que nos deu o bem
Era muito aquém da que nos deu o mal

Significa que o humano é inerente ruim?
Ou bondade, no fim, só não é divulgada?
Será que havia duas caixas outrora
E somente Pandora escolheu a errada?

Mas então quem sabe num mundo perfeito
Somos o grande defeito dessa equação
E devíamos logo aceitar as amarras
Encarar as barras da nossa prisão

MÃE ANCESTRAL

Nádia Prestes Baptista

A Negra não é a mulher trabalhadora
escrava dos engenhos das fazendas;
no campo, na lavoura de sol a sol.
A Negra não é uma das belezas da noite nas cidades

A Negra também não é uma mulata
que desce o morro sambando;
não é uma prostituta que enfrenta
das agruras de sua condição social

A Negra, de seios grandes, figura centralizada
num primeiro plano destacado do fundo,
Que ocupa grande parte do plano pictórico,
A Negra é a mulher numa pose deselegante.

A Negra está nua, mas não aparece permissa
Ela não se encaixa no signo de imprudência graciosa
A Negra não pratica nenhuma ação:
a não ser olhar para mundo.

A Negra na casa grande serve para amamentar,

fazer cafuné, embalar no colo;
A Negra é memória da escravidão, reforça estereótipos,
compõe um modo de olhar que se atualiza no cotidiano.

A Negra não é exemplo de amor e dedicação.
Traz reflexos sobre a vida de negras de hoje,
de identidades interditadas, negadas, restringidas;
A Negra é mãe-preta, simplesmente mãe ancestral.

TRILHOS

Raul Dullius
3º lugar

Velhos dentes
Trilhos quentes
Trem-fantasma

Maria fumaça
que só
Na mente vaga

Junto passa
De mãos dadas
Velho-mundo

Da janela
Feito mosca
Vê de tudo:

Prédios perdidos
Templos tombados
Pontes inacabadas.

CLAMOR DA JANELA

Tiago Rodrigo Padilha

Vede agora o espelho
As dunas de pouca esperança
Que clamam tanto por vida
Folhas verdes de uma criança

Recusa-te, reitera, reassegura
Revolta, ranço e fúria
Rasteja, resiste em lamúria
E para que? Inerte criatura.

Se os dias hão de ser sóis
Solte a nuvem macia que afaga
E afoga com a mão em silêncio
A ti que o oásis, quieto, enamora

MOSAICO

Verônica Farias Sayão

Acordei essa noite gritando coisas que nunca consegui dizer:

Gritando para a noite que não venhas...

Gritando para o vale ecoando meu pedido...

Gritando para dentro de mim, querendo fugir...

Gritando e expurgando teu nome.

Acordei chorando mais uma vez.

Fui ao banheiro lavar o rosto e te vi, em cada traço meu:

No gesticular para retirar a mecha do rosto...

No franzido sério do cenho...

No cuspe que joguei contra o espelho.

Quando percebi estava a me remover da lembrança,

Esfregando as unhas contra a pele:

Conseguia sentir a tua contra a minha...

Teu suor a escorrer pelas dobras...

A tua estúpida virilidade a sujar-me.

Meus braços a arranhar e as lágrimas ácidas foram removidas.

Dois quentes e acolhedores envolveram meus pedaços:

Juntando cada resto do mosaico que sou...

Colando cada vão deixado a sangrar.

Cada dia me reconstruo um pouco mais,

O auxílio do calor faz com que os cacos se moldem a uma nova forma.

Tento descobrir-me sem tua sombra:

Em novos atos...

Em novas obras...

Em novos seres, gerados de onde tu tanto feriste.

Hoje sei que não sou metade do que fui.

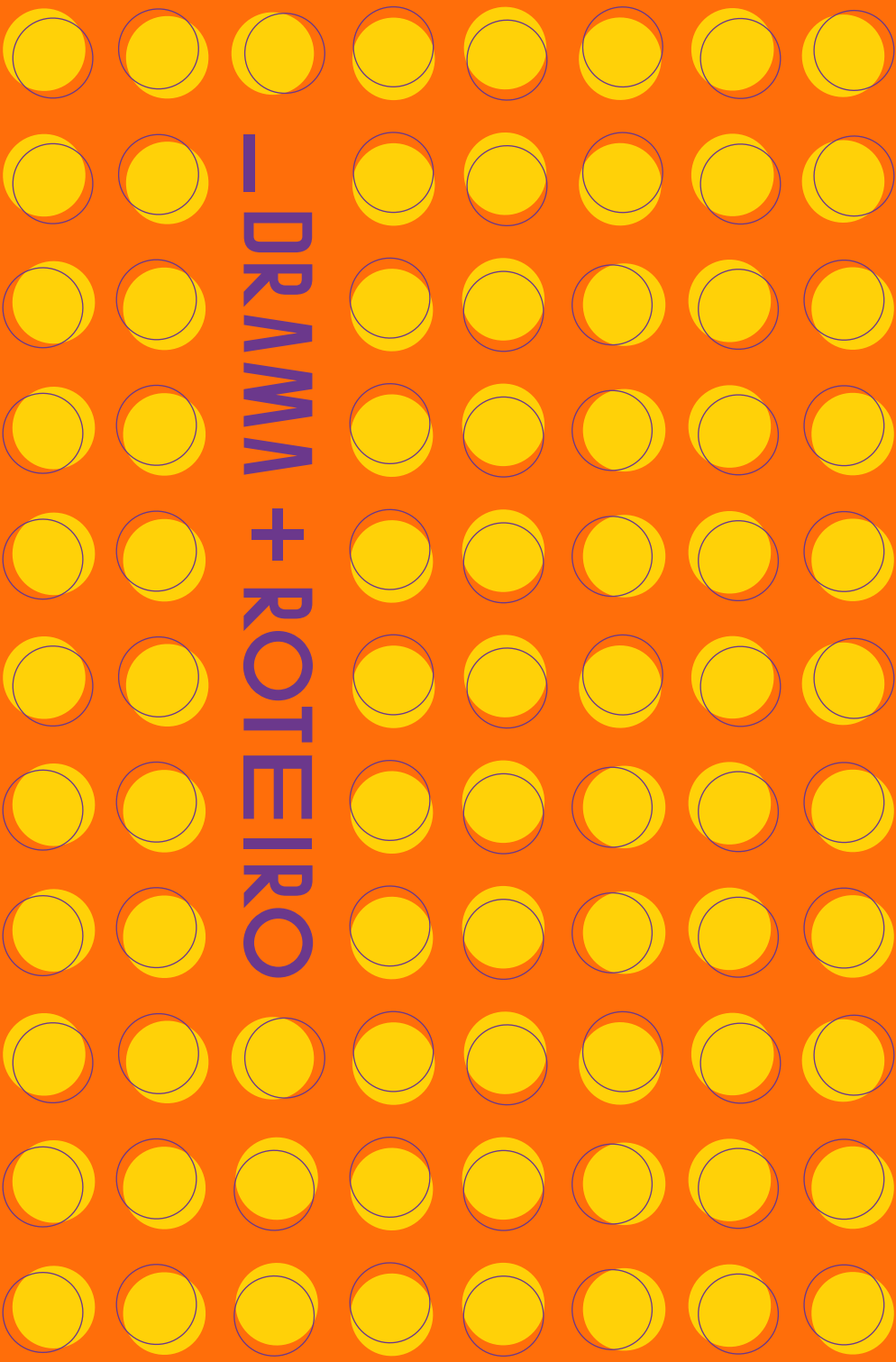
Hoje sei que tu não estás mais aqui para dilacerar-me inteira.

Hoje sei que não estou mais sozinha à noite,

Pois, acima de qualquer coisa, tenho a mim;

e a ti não pertença mais.

— DRAMA + ROTEIRO



LISIAENTOS & MARGARIDAS

Ana Carolina Peres Bogo

Um caixão aberto está no fundo do cômodo. Algumas cadeiras dobráveis estão arrumadas em duas fileiras. Todas vazias. Alice, esparramada no chão, segura a lateral do caixão enquanto chora desesperadamente. Veste um vestido preto justo e curto, seus cabelos castanhos caem sobre os seus ombros. Valentina entra no ambiente. Tem os cabelos presos em um coque e o olhar duro. Usa um vestido solto de renda, seus braços estão cruzados.

VALENTINA - Não basta o que você fez, mas não podia perder a chance de nos humilhar ainda mais vindo hoje.

ALICE (*se vira para Valentina*) - Eu tinha tanto direito de estar aqui como qualquer um.

VALENTINA (*ri secamente*) - Direito é a última coisa de que você deveria falar. Se *alguém* que tem direito de impor alguma coisa aqui *sou eu*.

As duas se olham.

ALICE (*baixa o rosto*) - Isso não é justo.

VALENTINA (*aumenta a voz até estar gritando*) - Justo? Justo? Não é justo que eu tenha perdido o meu marido depois de 30 anos. Isso não é justo. E, além de ter que

organizar o seu funeral sozinha, eu ainda tenho que te ver aqui, chorando como se o conhecesse.

Valentina coloca as mãos no rosto. Deixa que caiam ao lado do corpo; seu rosto não expressa nenhum sentimento. Senta-se na cadeira do corredor da primeira fileira. Segura o convite do velório em uma mão, amassando-o.

ALICE (*com a voz baixa*) - Ele me amava, sabia? Ele realmente me amava.

VALENTINA - Ele não amava ninguém que não fosse ele mesmo.

ALICE - Não, ele só não te amava mais.

VALENTINA - Talvez. Mas é muita ingenuidade achar que ele sentia alguma coisa que não fosse tesão por você. Vamos deixar os sonhos infantis do lado de fora. Em casa funerária não tem espaço para isso.

ALICE - Eu nunca quis que você me conhecesse do jeito que aconteceu.

VALENTINA - Você quer dizer quando eu te encontrei seminua na minha cama? Eu também não.

Um momento se passa e nenhuma das duas fala. Os ombros de Valentina caem e sua expressão é de cansaço.

VALENTINA - Eu não te culpo pelo que aconteceu.

ALICE (*voz trêmula*) - Não?

VALENTINA - Ele sabia que eu voltaria mais cedo naquele dia, eu tinha avisado. Ele queria que eu encontrasse vocês. (*suspira e fala quase sussurrando*) O ato de provocar dor nos outros traz muito poder, e era isso que ele mais gostava.

As duas olham para o caixão e o homem que está dentro dele. Valentina começa a rir. Alice olha para ela com os olhos arregalados.

VALENTINA (*tentando conter o riso*) - Desculpe, desculpe... Nem sei se é moralmente permitido rir dentro de uma casa funerária mas... (*o riso é alto e contagioso*) Lembrei da nossa lua de mel e como tínhamos tantos planos... Os mais extraordinários que se pode pensar, até viver na Tailândia nós discutimos durante toda uma madrugada. Tínhamos visto uma casa branca linda de dois andares perto da praia, ele sempre gostou do cheiro do mar.

Alice abre um sorriso pequeno.

ALICE (*diz com a voz embargada*) - Ele sempre comentava que queria morar na praia quando se aposentasse.

VALENTINA - Ele sempre foi assim. Eu dizia que ele tinha sido um peixe na outra vida; só assim para alguém gostar tanto de praia.

Silêncio. Lágrimas caem dos olhos das duas mulheres.

VALENTINA (*o sorriso se desfaz e a sua voz fica pesada*) - Mas nenhum dos planos incluía brigar com a amante depois do seu funeral.

Alice se levanta e ajeita o vestido. Rímel escorre pelo seu rosto. O seu batom vermelho está borrado na ponta dos seus lábios. Ela vai até Valentina, que continua sentada, e para na sua frente.

ALICE (*coloca uma mão no ombro de Valentina*) - Em uma outra vida a gente poderia ter estado do mesmo lado.

VALENTINA (*não levanta os olhos para responder*) - Mas nós vivemos nessa.

Alice sai, caminhando de cabeça baixa. Valentina se volta mais uma vez para o caixão. Se levanta e respira fundo. Deixa o convite do velório amassado na cadeira. Dá as costas para o corpo. Apaga a luz e fecha a porta.

TÔNICA

Gustavo Leandro Silveira de Oliveira
2º lugar

Primeiro Tratamentos

INT. APARTAMENTO, SALA – NOITE.

OLIVER, (25 anos), óculos no rosto, ENTRA, vai até a parede e acende a luz. Ele olha à sua volta; todo o ambiente está revirado: móveis pelo chão, revistas, papéis e roupas por todo canto. Oliver caminha em linha reta até chegar no . . .

INT. APARTAMENTO, QUARTO – NOITE.

O quarto está todo revirado, assim como a sala. Oliver entra e fecha a porta atrás de si. Um HOMEM, cujo rosto não vemos por causa da sombra, sai detrás da porta e golpeia Oliver na cabeça. Oliver cai no chão, desmaiado.

O Homem acende a luz, vemos que ele está usando um capuz na cabeça. Ele tira o capuz, revelando seu rosto. Esse Homem é RODRIGO, 30 anos, bonito e um tanto apressado.

LUÍS, 40 anos, faca na mão, sai de debaixo da cama e se apresenta:

LUÍS

(bocejando)

Oi. Eu sou o Luís. Desculpa, eu acabei...

Rodrigo se assusta: movimenta-se rápido, colocando a mão no peito.

RODRIGO

Seu filho da puta! Que cagaço da porra. O que tá fazendo aí? Quem é você?

LUÍS

Sou o Luís, como já disse. Achei que seria melhor imobilizar o desgraçado daqui de baixo, mas acabei cochilando. Acordei agora.

RODRIGO

Não sabia que enviariam outro. Tanto faz. Guarda essa faca e me ajuda a levar ele pra sala.

Luís levanta a camisa e guarda a faca na cintura.

LUÍS

Tá. O que eu faço agora?

RODRIGO

Pega ele pelas mãos. Eu pego pelas pernas.

Os dois pegam Oliver: Luís pega pelas mãos; Rodrigo, pelos pés. Em seguida carregam Oliver em direção à porta do quarto.

LUÍS

Você trouxe uma arma?

RODRIGO

Por que eu traria uma arma? Eu não esperava que ele estivesse aqui.

LUÍS

Faz sentido. Para um cara despreparado, faz...

INT. APARTAMENTO, SALA – NOITE.

Rodrigo e Luís saem do quarto e adentram a sala carregando Oliver.

RODRIGO

Quem mandou você aqui? O cara te disse o nome dele? Te disse algum codinome? Alguma coisa?

LUÍS

Codinome? Nós não estamos num filme do Tarantino. Quem mandou você aqui?

RODRIGO

Tá tirando uma com a minha cara? Eu te perguntei primeiro. Quem te mandou?

LUÍS

Eu não quero confusão, cara... Foi o Osnofa.
O Osnofa que me mandou pra cá.

RODRIGO

Que Osnofa?

LUÍS

Quê?

RODRIGO

Que Osnofa? Qual Osnofa?

LUÍS

Garanto pra ti, não faz diferença. Você não precisa saber que Osnofa. Quanto vão te pagar? Esse é o ponto importante em que temos que focar. Já discutiram sobre isso?

RODRIGO

Sim. Se eu achar o dinheiro, recebo dez mil. E você?

LUÍS

A metade: cinco. Se é o mesmo trabalho, não entendo por que vai ganhar mais que eu.

RODRIGO

Nem tudo faz sentido. Talvez seja porque eu não durmo no trabalho. Talvez.

OLIVER

Eu vou ganhar vinte mil.

Rodrigo e Luís se assustam e acabam deixando Oliver cair no chão. Rodrigo se abaixa e agarra Oliver pela gola da camiseta.

RODRIGO

Quem é você?

LUÍS

(pegando a faca na cintura)

É o dono do apartamento?

OLIVER

Claro que não. Fui contratado, assim como vocês. Me chamo Oliver. Prazer. Quem me apagou lá no quarto?

RODRIGO

Eu.

Rodrigo solta Oliver. Oliver se põe de pé.

OLIVER

Não te ensinaram que não se bate em pessoas de óculos? Foi um ótimo golpe, no entanto.

RODRIGO

(pega um cigarro no bolso, coloca na boca)

O que eu digo? Obrigado?

Rodrigo acende o cigarro. Luís guarda a faca na cintura.

LUÍS

Chega de blá-blá-blá. Você disse que vai ganhar dez mil? Isso?

OLIVER

Exato. Dez mil e quinhentos, na verdade.

LUÍS

Quem te contratou?

RODRIGO

É. Quem?

OLIVER
Um tal de Osnofa.

LUÍS
(para Rodrigo)
Pergunta pra ele quem é esse Osnofa.

Luís começa a caminhar. Rodrigo e Oliver o observam.

OLIVER
(preocupado)
Onde você vai?

LUÍS
Já volto.

RODRIGO
(para Oliver)
Quem é o Osnofa?

Luís entra no banheiro e fecha a porta.

OLIVER
Ele também contratou seu parceiro?

RODRIGO

Pelo que parece, sim. Mas ele não é meu parceiro. Eu nem conheço ele, na real.

INT. APARTAMENTO, BANHEIRO – NOITE.

Luís tira a faca da cintura e coloca sobre a pia. Ele vai até a privada, abaixa a calça e começa a urinar.

No box, AFONSO, 40 anos, com máscara cirúrgica na boca e luvas nas mãos. Ao lado de Afonso está uma maleta preta. Ele abre a cortina do box lentamente e começa a se aproximar da pia, sem que Luís perceba. Luís puxa a descarga, cujo barulho é alto. Com um passo largo, Afonso alcança a faca na pia. Luís se vira para trás, mas é surpreendido por uma facada de Afonso bem em seu pescoço. Luís cai no chão, agonizando. Afonso tampa a boca de Luís com as mãos e olha para a porta.

INT. APARTAMENTO, SALA – NOITE.

RODRIGO

Você escutou alguma coisa?

OLIVER

Nada.

Rodrigo vira-se de costas para Oliver, começa a caminhar até o banheiro. Oliver se aproxima de Rodrigo e o pega pelo pescoço. Os dois caem no chão e começam a

rolar. Rodrigo tenta se desvencilhar.

OLIVER

Afonso.

Afonso abre a porta do banheiro e sai. O corpo morto de Luís permanece dentro do banheiro. Afonso caminha até os dois com a faca na mão. Afonso dá um chute em Rodrigo, que cai desmaiado no chão. Oliver solta Rodrigo.

AFONSO

Você também não trouxe uma arma?

OLIVER

Os vizinhos iriam escutar os tiros, não?

AFONSO

A maleta tá no banheiro.

OLIVER

Ainda estamos de acordo. Três quartos da grana pra mim e um quarto pra você. Ponto.

AFONSO

Certo. Certíssimo. Mesmo eu tendo feito o trabalho de matar o cara, você quer ficar com grana a mais?

OLIVER

Acordo é acordo. Você sabe disso. Não vamos discutir o que já combinamos. Você chegou aqui faz tempo?

AFONSO

Assim que eu achei o dinheiro, vocês chegaram.

OLIVER

Como você não viu ele indo pro quarto? O filho da puta podia ter me matado.

AFONSO

Esse era o intuito.

Rodrigo abre os olhos e pega Oliver pelas pernas. Afonso dá uma facada na garganta de Oliver. Oliver ajoelha-se à frente de Rodrigo.

Afonso tira a máscara de seu rosto. Rodrigo vai até o banheiro e volta carregando a maleta.

RODRIGO

Meio a meio. Podia ter me batido mais fraco. Por que Osnofa?

AFONSO

Osnofa é Afonso de trás pra frente. O Bernardo achou melhor contratar vocês por esse Codinome.

(para Oliver)
Quão otário você foi.

Oliver, com as mãos no pescoço, agonizando. Rodrigo ajoelha-se, coloca a maleta no chão, abre-a e começa a contar o dinheiro.

RODRIGO

Pelo que vejo, todo o dinheiro tá aqui. Vamos embora antes que o dono do dinheiro chegue.

AFONSO

Eu sou o dono do dinheiro agora.

RODRIGO

Quê?

Afonso pega uma corda do bolso dele, enrola no pescoço de Rodrigo e começa a enforcá-lo. Os dois caem no chão. Rodrigo fica cada vez mais vermelho, até não conseguir respirar. Rodrigo morre. Afonso tira Rodrigo de cima de si, deita-se para trás e observa o teto. Oliver dá seu suspiro final e morre.

FADE OUT

EXT. PRÉDIO – MOMENTOS DEPOIS.

Afonso está encostado na parede de um prédio.

AFONSO (no telefone)

Alô. Bernardo? Eles fugiram com a grana.

BERNARDO (V.O.)

Você acha que eu sou trouxa? Você vai entrar nesse carro, ligar pra sua família e se despedir.

Uma BMW branca vem na direção de Afonso. A janela do carro abre, um homem armado com um revólver está no banco de trás.

F I M

O DESBERÇO DA HERÓINA (OU A NÃO TÃO FABULOSA HISTÓRIA DA SECRETÁRIA DA CULTURA QUE FOI SEM JAMAIS TER MERECIDO SER)

Lucas Gonzaga Vieira Adolfo
3º lugar

Personagens:

Viúva Porgina – Uma mulher de cerca de 40 anos, vestida com uma camisa rosa de paetês, uma calça branca de couro, com um turbante cheio de brilho na cabeça, muito maquiada, cheia de joias das mais diferentes cores, salto altíssimo, e uma bolsa com estampa de onça. Sempre fala alto, é muito expansiva, mexendo muito os braços e as mãos, fazendo caras e bocas.

Nhonhozinho Manta – Homem mais velho, com quase sessenta anos, vestido com camisa social com os botões abertos no peito e casaco de couro, chapéu de cowboy, calça escura e botas pretas, com muitas pulseiras e um colar com um crucifixo.

ATO ÚNICO

O palco mostra a sala da casa de Viúva Porgina. Tudo é muito exagerado. A decoração mistura estampas de animais em almofadas e mantas, com móveis antigos tradicionais, como cristaleiras e mesa de centro, com um sofá colorido no centro e ao lado dele um divã de pelúcia. Em cima dos móveis, estátuas de santo, na-

moradeiras de gesso, muitas flores e enfeites, além de uma estátua de uma zebra em tamanho real perto do divã. A ideia é passar justamente que a pessoa que mora ali não tem bom gosto nenhum para a decoração e que é alguém extravagante. Da mesma forma, o cenário deve passar a impressão de um lugar parado no tempo, não deve ter nenhum eletrodoméstico ou eletroeletrônico moderno. Trabalhar com a decoração focada nos anos 80.

VIÚVA PORGINA (*entra seguida por Nhonhozinho Manta e larga a bolsa na mesa de centro, irritada*): Nhonhozinho, ainda não estou lhe entendendo. Pode me explicar por que diacho o senhor não concorda com a ideia do prefeito? Por acaso o senhor passou a desgostar da minha pessoa, foi?

Viúva Porgina se deita no divã, de maneira sensual, e olha para Nhonhozinho Manta.

NHONHOZINHO MANTA (*respondendo com medo*): Minha deusa Porgina, aquela a quem venero e faço tudo que me pedir, não me entenda por errado, não. Eu, mais que ninguém, a idolatro e apoio todos seus passos. Mas é que...

VIÚVA PORGINA (*levantando-se, irritada*): Mas é que nada, Nhonhozinho Manta. Se o senhor tem a pachorra de dizer que a ideia do prefeito é descabida, não venha tentar me lamber com suas palavras cheias de falsidade. Eu vou aceitar, sim, ser a secretária da cultura de Asa Branca. O senhor concorde ou não. E não há ninguém, nem ser vivo, nem ser morto, que me impeça. É melhor já ir se acostumando.

NHONHOZINHO MANTA (*com ainda mais cuidado*): Minha deusa pode fazer o que lhe passar pela sua linda e formosa cabeça. Jamais seria eu, um homem tão fraco

diante de seu poder, a tentar lhe impedir. Mas pense comigo, Porgina do meu coração. Pode ser que isso jogue minha deusa na fogueira e, então, todo mundo conheça sua verdadeira história. A da viúva que foi sem jamais ter sido. Aquela que diz ter sido a esposa de Rick Santeiro, o santo milagreiro dessa cidade, mas que sequer o conheceu. Pense comigo, Porgina, Asa Branca vive da crença na santidade de Rick. É o principal fator cultural desse par-dieiro no meio do nada. Vai logo a minha deusa, de tamanha formosura, que tem o rabo preso numa verdade que a senhora mesmo inventou relacionada a ele, cuidar de tudo isso?

Porgina anda um pouco, mexendo em um dos colares. Para diante da estátua da zebra que tem no meio da sala, faz carinho na cara do bicho, e depois se vira para Nhonhozinho Manta.

VIÚVA PORGINA: Entendo suas preocupações, coronel, e até lhe agradeço por elas. Peço perdão ao senhor por ter lhe gritado antes. No entanto, sejamos claros e diretos: o tal Rick Santeiro não é santo, eu não sou viúva dele, o senhor não é anjo pra me julgar e esse povo não é inteligente de nenhuma forma. Só ver as asneiras que o prefeito fala e que todos aplaudem. Sendo eu mais esperta que aquele energúmeno, qualquer coisa que eu diga ou faça essa gentinha vai amar, porque eles acreditam tanto na minha história de viúva do Santeiro quanto na divindade desse zé-ninguém. Esse povo só precisa de alguém que lhe jogue migalhas ou esmolas. E quem melhor que eu, como nova secretária da cultura? Uma celebridade desse fim de mundo, que todos acham ser uma diva do cinema daquelas fitas que assistimos juntos, nos enamorando no escuro, quando ninguém nos vê...

Viúva Porgina se aproxima sensualmente de Nhonhozinho Manta, lhe espicha o braço, e quando ele vai beijar, ela retira. Viúva Porgina se vira, sorrindo, Nhonhozinho Manta fica sério.

NHONHOZINHO MANTA (*contrariado*): A senhora não se lembra que algumas dessas fitas a senhora mesmo fez protesto para que não fossem exibidas? E que a dona Matilda reclamou que a senhora estava, junto com as beatas, tentando impedir o acesso do povo à dita cultura...

VIÚVA PORGINA (*interrompendo Nhonhozinho, irritada*): Se o senhor vai ficar defendendo aquela quenga, melhor nem continuar. Oxi, eu tinha que manter minha imagem de viúva do santo. Por isso me juntei àquelas puritanas da paróquia. Só por isso. Jamais gostaria de ser como uma daquelas mal-amadas que vivem só pra religião, que Deus misericordioso me livre desse destino! Eu nunca que impediria meu povo de ver um bom filme, e o senhor bem sabe que acho que os melhores são aqueles com uma pimentinha a mais. Só que, naquele momento, não poderia ser conivente com a sacanagem pelo bem da minha própria imagem.

NHONHOZINHO MANTA (*falando como quem não quer nada*): Mas a senhora foi conivente com outras coisas também. Como quando me pediu que eu desse uma lição naquele capataz de bosta que tentou lhe bulinar aqui na sua residência.

VIÚVA PORGINA (*se mexendo muito, dando voltas em si mesma*): E eu tinha que fazer o quê, Nhonhozinho Manta? Aceitar tudo aquilo quieta? Dar uma boa coça em um cidadão assim é coisa trivial, prosaica até, diria eu. Não estou inventando a roda. Tortura sempre existiu. Na humanidade, não se para de morrer. Por que as pessoas ainda ficam chocadas? Um a mais, um a menos... Não quero arrastar um cemitério de mortos nas costas. Se você falar

vida, do lado tem a morte. Sempre houve tortura, censura. Sou leve, estou viva. Estamos vivos, vamos ficar vivos? Não vive quem fica arrastando cordéis de caixões.

NHONHOZINHO MANTA (*se ajoelhando diante de Viúva Porgina*): Não se avexe comigo, por favor. Me perdoe, minha deusa. Que fique claro que jamais quis defender a cafetina ou mesmo lhe comparar àquelas beatas. Sei que a senhora tem sua pureza, de uma forma só sua. Sei também das suas boas intenções ao não deixar o povo ver aquelas tais fitas e que no caso daquele um, bom, a senhora só me pediu um favor da vida, que foi lhe adiantar a morte. Confio inteiramente que saberá fazer o melhor pra toda essa gentinha, dar a eles o que eles merecem.

VIÚVA PORGINA (*se senta séria no divã, cruzando as pernas*): Obrigada. Precisei dar um chique aqui pra ser ouvida. (*sorridente*) De qualquer forma, acho bom que o senhor reconheça tudo isso mesmo. Asa Branca nunca mais será a mesma depois da secretária da cultura Porgina Duarte, a viúva Porgina que esse povo tanto ama, a namoradinha de Asa Branca.

NHONHOZINHO MANTA: A minha namoradinha.

VIÚVA PORGINA (*cochichando, maliciosa*): Homem, não fala isso alto. Imaginam que o senhor ainda só me faz a corte... Eles precisam continuar crendo que eu sou a mocinha dessa novela.

NHONHOZINHO MANTA (*beijando a mão de Porgina*): Que, então, ninguém imagine que eu já fiz da viúva imaculada deles uma mulher por completo.

VIÚVA PORGINA: E que ninguém desconfie que eu fico louca quando o senhor faz isso comigo.

Viúva Porgina se levanta, anda em direção ao fim do palco e olha para Nhonhozinho Manta, ainda ajoelhado.

VIÚVA PORGINA: Vem, meu Nhonhozinho, acho que o senhor vai gostar dos novos lençóis que comprei lá na Capital. Foram tão caros. Ainda bem que agora quem vai pagar por eles será esse povo besta daqui.

NHONHOZINHO MANTA (*se levantando*): Não precisa pedir duas vezes...

VIÚVA PORGINA (*fazendo sinal com a mão para que ele pare*): O que é isso? Ficou doido, foi? Homem meu rasteja aos meus pés. Vem de quatro. E me chamando de “secretária da cultura” pra eu já ir me acostumando.

NHONHOZINHO MANTA: Tudo que minha deusa mandar. (*Antes de se ajoelhar, olhando para o público*) Nem aquele tal de Dias Gomes imaginaria que essa Asa Branca brasileira iria virar esse puteiro. Com todo respeito às putas. (*Colocando-se de quatro e indo atrás de Porgina*) Tô indo, senhora secretária da cultura.

Viúva Porgina sai do palco gargalhando, seguida pelo Nhonhozinho Manta, de quatro.

A INSUSTENTÁVEL LEVEZA DOS NOSSOS

Marina Soares Nogara
1º lugar

No palco, há apenas um corpo estirado. Jorge e Fernando entram pelo lado esquerdo, cada um segurando uma mala de viagem.

FERNANDO Fizemos bem em sair cedo. A cidade dorme, ninguém vai nos pegar.

JORGE Infelizes os que ficam, não percebem que estão sendo dizimados.

Jorge tropeça no corpo, deixando cair sua mala. Fernando olha para os lados, certificando-se de que não há ninguém, e os dois posicionam-se em volta do morto, observando-o com curiosidade.

JORGE Quem você acha que é?

FERNANDO Não o reconheço. Mas como é belo. Será um dos nossos?

JORGE É belo demais para ser um de nós.

Fernando observa o morto com cara de dúvida.

JORGE Vamos embora?

Jorge começa a sair em direção ao lado direito do palco. Fernando vai devagar, olhando, ainda, para o morto. Está prestes a pegar sua mala, mas para.

FERNANDO Um momento, Jorge.

Fernando volta para perto do morto.

FERNANDO Veja suas mãos! São grandes, têm dedos tortos.

Jorge observa o morto com ar contrariado. Fernando se abaixa e toca nas mãos.

FERNANDO E são ásperas e calejadas.

Jorge fica surpreso. Ele e Fernando se olham, observam suas próprias mãos, as esfregam e depois se olham novamente.

JORGE É um dos nossos então.

Fernando concorda. Jorge vai para perto do morto também, parando do lado contrário em que está Fernando.

JORGE Quem será?

Fernando balança a cabeça negativamente. Os dois ficam em silêncio por alguns segundos, olhando para o corpo com ternura.

FERNANDO Não podemos abandoná-lo.

JORGE Mas está morto.

FERNANDO Mas é um de nós! Você sabe o que eles fazem com os nossos mortos.

Os dois se encaram. Olham de novo para as próprias mãos e então voltam a se encarar.

JORGE (*inseguro*) Não importa. Não tem nome.

Fernando se levanta.

FERNANDO É claro que tem nome. Quando trocarmos de ares, seremos capazes de encontrá-lo. No meio dos cabelos, no cheiro, entre os dedos do pé.

Jorge olha para o céu, depois se abaixa e toca a mão do morto. Passa os dedos por seu braço até chegar no rosto.

JORGE Essa brisa morna leva tudo embora.

FERNANDO Se o deixarmos, levará sua beleza também.

JORGE E ele tem a beleza de todos nós. Você tem razão. Eu mesmo o carregou. Pegue nossas malas.

Fernando fica animado e recolhe as duas malas. Jorge tenta levantar o morto. Faz força, mas não consegue movê-lo.

JORGE Como pesa! *(tenta mais um pouco)* Não consigo tirá-lo daqui. É pesado demais.

Fernando larga as malas e faz sinal para que tentem juntos. O corpo não se move.

JORGE Ah, triste fim. Se ao menos não o tivéssemos percebido...

FERNANDO Então jamais saberíamos de nossa beleza *(suspira)*. Tem de haver um jeito de levá-lo.

Jorge fica pensativo, e Fernando observa o corpo de diferentes ângulos.

FERNANDO *(exultante)* Mas é claro! Que burrice a nossa.

JORGE O que foi?

FERNANDO Talvez esteja aí há mais tempo do que parece. Você trouxe nosso espanador?

Jorge abre uma das malas e começa a espalhar coisas pelo palco. Enfim, encontra o espanador e entrega-o para Fernando.

JORGE *(preocupado)* Não demore, Fernando. Logo vai nascer o dia.

Enquanto Jorge coloca as coisas de volta na mala, Fernando se abaixa e começa a espanar a cabeça do morto. Quando ele se afasta, essa parte do corpo se levanta.

FERNANDO Eu sabia! É gravidade acumulada.

Fernando se aproxima mais uma vez e espana o tronco. Afasta-se, e o tronco vai se levantando, até que o morto fica sentado. Jorge o observa.

JORGE Fernando, acho que se espanar os pés ele sai voando. Tome cuidado.

Fernando olha para o morto e para Jorge, pensativo.

FERNANDO É verdade. Temos barbante?

Jorge abre a mala mais uma vez. Dessa vez, mexe nela sem espalhar coisas pelo chão. Pega um rolo enorme de barbante, que entrega a Fernando. Fernando desenrola um bom pedaço de fio, sem cortá-lo. Devolve o rolo a Jorge e amarra a ponta do barbante em um dos pés do morto.

FERNANDO Segure firme isso aí.

Jorge faz que sim, e Fernando pega o espanador. Olha apreensivo para o morto e, então, começa a espanar suas pernas. As luzes se apagam por alguns segundos. Quando acendem, estão no palco apenas Fernando e Jorge. Jorge segura o barbante esticado, como se houvesse um balão de gás na ponta, em uma altura que o público não consegue enxergar. Os dois olham para o céu, abobados.

FERNANDO Como ficou bem lá em cima.

Jorge concorda.

FERNANDO Vamos?

JORGE Vamos.

Os dois continuam imóveis, olhando para o alto.

FIM

—AGRADECIMENTOS

Entre pantufas e pijamas, contagens de itens domésticos - porque em meio à pandemia sabemos de cor e salteado o número de garfos, facas e colheres, bem como de dobras nas cortinas – debates e videoaulas, sabemos que nada, absolutamente nada disso seria possível sem nossos colaboradores e apoiadores. Chegou o momento de homenagear e agradecer.

À TAG, que com imensa criatividade entrega felicidade a leitores assíduos mensalmente, que doou kits incríveis aos vencedores. Para quem não conhece, a TAG é um clube do livro especializado em entregar experiências literárias surpresas, que incluem livros e brindes, para incentivar e mimar os leitores de todas as idades.

À Editora Bestiário, que incentiva autores locais a crescerem e que doou livros seus à premiação do concurso. As obras publicadas pela editora abrangem variados gêneros - poesias, crônicas e contos, não ficções e romances -, para todos os gostos e amantes das páginas coloridas com palavras.

À EdiPUCRS, que incentiva as pessoas a tirarem seus livros das gavetas, aumentando o círculo de amantes pela literatura de todas as áreas.

Ao Lucas Viapiana, que doou antologias integradas por textos seus, que contém em si dedicatórias dos autores participantes, aproximando os leitores das criações que ali se encontram.

À Gica Rodriguez, que doou seus escritos e seus ensinamentos, para que os vencedores possam apreender,

com nitidez, o conjunto encantador de suas palavras nas páginas e de suas lições na escrita.

À Roberta Barbosa de Medeiros, colega e escritora, que doou obras para aquecer o coração e iluminar a visão de mundo.

Ao professor Arthur Telló, que, além de nos incentivar com suas próprias obras, transmitiu a experiência da leitura de modo exemplar nas dedicatórias escritas aos nossos vencedores.

Ao professor Altair Martins, que nos permite ver de outros ângulos o universo da literatura, com suas aulas, obras e pensamentos.

Ao nosso querido professor e mentor, Cristiano Baldi, que não apenas doou livros seus, como também ofereceu suporte e auxílio em todos os passos exigidos pela concretização deste Concurso. Muito obrigadx por incentivar esta iniciativa linda, com tanto conhecimento e inspiração, mesmo em meio a estes tempos turbulentos.

Aos participantes do concurso, que tiraram os textos das gavetas, arejaram as ideias e reuniram a coragem necessária para enviá-los. O Rasuras só é possível pela crença que compartilhamos no potencial da escrita.

À PUCRS Cultura por abraçar o evento de premiação do Rasuras e oferecer suporte à realização deste.

Aos jurados, que aceitaram os convites e se propuseram a eleger os vencedores de cada uma das quatro categorias. Nossa sincera gratidão, Alexandra Lopes da Cunha, Débora Ferraz e Fred Linardi.



Este livro é resultado
da 5ª edição do Concurso
Rasuras, produzido sob supervisão
do escritor e professor Cristiano Baldi
no curso de Escrita Criativa da PUCRS
no primeiro semestre de 2020/1.